



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA  
ATLÂNTICA**

SANDRA DE PAULA

**ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL KAINGANG:  
PLANTAS QUE ALIMENTAM, ERVAS QUE CURAM**

TERRA INDÍGENA TOLDO IMBU – SC  
2020

SANDRA DE PAULA

**ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL KAINGANG:  
PLANTAS QUE ALIMENTAM, ERVAS QUE CURAM**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciada na Terminalidade Conhecimento Ambiental.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dorothea Post Darella

TERRA INDÍGENA TOLDO IMBU – SC  
2020



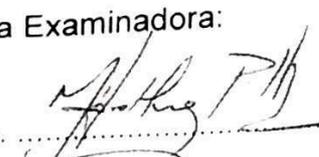
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 10 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 13 horas, na Sala 323 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora, Orientadora Maria Dorothea Post Darella e Presidente, Professora Evelyn Martina Schuler Zea, Titular da Banca, e Professora Joziléia Daniza Inácio Jacodsen Schild, Suplente, designadas pela Portaria nº 23/HST/2020 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Sandra de Paula, subordinado ao título: "Alimentação Tradicional Kaingang: plantas que alimentam, ervas que curam". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho por meio digital, dado o previsto na Resolução 017/CUn/1997 – artigo 75. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Maria Dorothea Post Darella, a nota final 10,0, da Professora Evelyn Martina Schuler Zea, a nota final 10,0, e da Professora Joziléia Daniza Inácio Jacodsen Schild, a nota final 10,0; sendo aprovada com a nota final 10,0. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

Florianópolis, 10 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Profa. 

Profa. 

Profa. 

Candidata Sandra de Paula



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-4879

Atesto que a acadêmica Sandra de Paula, matrícula n° 16105949, entregou a versão final de seu TCC, cujo título é **ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL KAINGANG: PLANTAS QUE ALIMENTAM, ERVAS QUE CURAM**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 17 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita em azul sobre uma linha horizontal.

Orientadora

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Paula, Sandra de

Alimentação tradicional Kaingang : plantas que  
alimentam, ervas que curam / Sandra de Paula ;  
orientadora, Maria Dorothea Post Darella, 2020.  
80 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural  
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica. 2. Kaingang. 3. Toldo Imbu. 4. Saberes de  
plantas. 5. Nascentes. I. Darella, Maria Dorothea Post.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura  
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Topê (Deus), por ter me dado saúde, força, coragem, ânimo e sabedoria para que conseguisse chegar até aqui, apesar de passar por tantas dificuldades e problemas nesses quatro anos de graduação.

A minha família, especialmente aos meus pais Vilson de Paula (*in memoriam*) e Doraci Loureiro, que sempre cuidaram dos meus filhos enquanto eu estava longe de casa e sempre me incentivaram a continuar a estudar.

Ao meu esposo Valdecir Oliveira Santos e meus filhos Igor Aponã Kãka, Iago Aponã Gojtãn e o pequeno Ravi Kauã Ga Tãn, que me dão força e inspiração nessa caminhada.

A minha orientadora professora Dr<sup>a</sup> Maria Dorothea Post Darella que, nas horas que eu precisei, soube me transmitir uma mensagem positiva para prosseguir.

Aos professores da Licenciatura Intercultural Indígena e aos colegas que me acompanharam durante esses quatro anos no curso.

Enfim, que Deus abençoe e dê vida longa aos meus kófa interlocutores, que me servem e servirão de espelho.

Muito obrigado!

## RESUMO

O presente TCC aborda saberes e práticas Kaingang sobre plantas utilizadas tradicionalmente através da alimentação dos Kaingang na Terra Indígena Toldo Imbu, situada no oeste do estado de Santa Catarina. Trata-se de uma pesquisa de campo que busca melhor compreender conhecimentos dos kófa (anciões), bem como possíveis alternativas para que a retomada de saberes culturais ancestrais aconteça de forma articulada, pensando em alimentação, saúde, meio ambiente, demarcação de terra. Justifica-se este TCC pelo fato da utilização de plantas de alimentação e medicinais para o tratamento de enfermidades estar enraizada na cultura kaingang e poder suprir, em parte, a deficiente atenção à saúde. As iniciativas de retomada são possíveis e já ocorrem no Toldo Imbu e em outras comunidades. O uso de plantas e alimentos tradicionais estão relacionados com atividades que precisam ser vivenciadas primordialmente na família e na escola, na relação com os kófa, no desenvolvimento de projetos específicos e na motivação permanente para a responsabilidade ambiental, preservando a cultura e os costumes kaingang que são preciosos, especialmente na promoção da saúde da comunidade. Com o resultado de minha pesquisa, minha visão, meu objetivo é contribuir para a conscientização das crianças e adolescentes no que diz respeito ao reflorestamento nas nascentes na Terra Indígena Toldo Imbu, pois no processo de colonização uma das riquezas exploradas foi a mata para a produção de lavouras de soja, restando apenas algumas nascentes. Estamos a um passo de deixarem de existir. Essa é a realidade do meio ambiente e das famílias do Toldo Imbu. Acentuo saberes e práticas kaingang quanto a plantas que alimentam e ervas que curam e mostro a importância de se preservar as nascentes, replantando algumas plantas nativas e preservando as folhas comestíveis que ali estão resistindo às mudanças climáticas e ao ar contaminado, devido, sobretudo, ao uso excessivo de agrotóxicos no oeste de Santa Catarina, tudo isso em função do crescimento econômico.

Palavras-chave: Kaingang; Toldo Imbu; Saberes de plantas; Nascentes; Kófa.

## TO KĀMÉN

Vēnh rañhrāj tag vỹ tỹ ěg si ag kanhró to vāmén rá nĩ. Vānh kāmĩ ākré tỹ ta ěg jĕn kar ěg kagta ān tu kanhró, ěmā tỹ Toldo Imbu ki, ěmā mág tỹ SC. Kar kỹ ěg tỹ ěg si ag kanhró tag tỹ krỹ ke kỹ nĩ tag to nén ũ han sór vē, mỹr ěg tỹ hā nón kanhrānrān ke mỹ. Kỹn gen ka jagnā mré kej ki tu jykrén mũ vējĕn, ěg há, goj, nān kar ěg ga tu. ěg si ag kanhró nón kanhrān tag vỹ ki kro nĩ Toldo Imbu ki kar ěmā ũn mũ. Vānh kāmĩ ākré tỹ ěg jĕn kar ěg kagta vỹ ěg ĩn kākĩ, inkóra tu kanhrān ke nỹtĩ ti si ag jykre nón. Sỹ ěn si ag kanhró tag nón gĩr kĕsir kar gĩr mág tag mỹ kanhrān sór, ka kānkrān goj mur fā mũ ěmā ta Toldo Imbu ki, mỹr fóg ag ta ěg ga ki kāge ja kā ag vỹ nān van kān ag soja krān jé, kỹ goj mur vỹ pipir tĩ. Ju Toldo Imbu ki nỹtĩ vỹ tũ kej mũ. Kỹ sỹ ěg kanhgag si ag kanhró tu kanhrān jé ke to mǎn, vānh kāmĩ ākré tỹ ěg jĕn kar ěg kygtāg fā tag venven jé, goj ror ta rĩr kỹ jagma ka krānkrān, fóg ag tỹ jỹnkamũ tugnĩn goj kar kākā kavénh mũ, nān mré hā ag tỹ tũg mũ. .

ĚG VĨ RÁ: Kanhgag; Toldo Imbu; To kanhró; Goj mur; Kófa.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Terra Indígena Xaçecó
- Figura 2 – Mapa Toldo Imbu
- Figura 3 – Leitura da ata da reunião para apresentação da proposta dos limites da TI Toldo Imbu
- Figura 4 – Leitura e assinatura da ata da reunião para apresentação da proposta dos limites da TI Toldo Imbu
- Figura 5 – Reunião no chalé do padre Genuíno. Bairro Ipiranga - Abelardo Luz/SC. Valdecir Oliveira Santos (camisa branca), João Batista (centro), José Belino
- Figura 6 – Abertura da confraternização com as lideranças indígenas do Toldo Imbu e convidados
- Figura 7 – Comunidade do Toldo Imbu assistindo e acompanhando a fala das lideranças
- Figura 8 – Apresentação do Grupo de Dança da Escola Cacique Karenh
- Figura 9 – Vilson de Paula e Afonso dos Santos
- Figura 10 – Afonso dos Santos e Marcos Sullivan Nascimento
- Figura 11 – Vó Kãri destalando taquara
- Figura 12 – Kujá M̃yrkurĩñy (Luiza Pedroso)
- Figura 13 – Kujá M̃yrkurĩñy (Luiza Pedroso) em sua cozinha
- Figura 14 – Quintal da Kujá M̃yrkurĩñy
- Figura 15 – Santos de devoção da Kujá M̃yrkurĩñy
- Figura 16 – Kujá M̃yrkurĩñy jogando milho para as galinhas.
- Figura 17 – Encontro da ASIE, na UFSC, Florianópolis-SC.
- Figura 18 – Escolhendo as folhas do Kumĩ para socar no pilão
- Figura 19 – Socando o Kumĩ no pilão
- Figura 20 – Kumĩ socado saindo do pilão.
- Figura 21 – Colocando o Kumĩ na panela para cozinhar
- Figura 22 – Início da fervura do Kumĩ
- Figura 23 – Kumĩ cozido
- Figura 24 – F̃yj (Caraguatá)
- Figura 25 – Preparo do F̃yj (Caraguatá)
- Figura 26 – Colocando o F̃yj (Caraguatá) para cozinhar
- Figura 27 – Siraj (Serralha)
- Figura 28 – Fuva (Erva Moura)
- Figura 29 – Meu pai Vilson de Paula escolhendo o Fuva
- Figura 30 – Fuva cozido
- Figura 31 – Ranisa (Radite)
- Figura 32 – Ranisa (Radite) florescida
- Figura 33 – Tanchagem
- Figura 34 – Valmor Venhrá Mendes de Paula com tansagem e susuaia
- Figura 35 – Erva-mate e Valmor de Paula com erva-mate e vãn s̃ĩ
- Figura 36 – Urtiga
- Figura 37 – Imagem das lavouras
- Figura 38 – Rio Passo das Antas
- Figura 39 – Jaboticabal
- Figura 40 – Jaboticabal (vista aérea)
- Figura 41 – Goj ror (poço redondo)
- Figura 42 – Imbuzeiro
- Figura 43 – Valdecir Oliveira Santos em local da nascente
- Figura 44 – Local da nascente

Figura 45 – Imagem aérea da localização da nascente

Figura 46 – F̄yj - Caraguatá exposto ao veneno

Figura 47 – F̄yj exposto ao veneno

Figura 48 – F̄yj em local distante do uso de veneno

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ASIE – Ação Saberes Indígenas na Escola  
CIMI – Conselho Indigenista Missionário  
DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
Eletrosul – Energia Elétrica do Sul do Brasil (atualmente Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil - CGT Eletrosul)  
EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina  
ETE – Estação de Tratamento de Esgoto  
FUNAI – Fundação Nacional do Índio  
GT – Grupo de Trabalho ou Grupo Técnico  
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
LT – Linha de Transmissão (de energia elétrica)  
MPF – Ministério Público Federal  
PR – Paraná  
RS – Rio Grande do Sul  
SC – Santa Catarina  
TI – Terra Indígena  
UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
WWF – World Wildlife Fund, World Wide Fund for Nature

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
O lugar e os atores da pesquisa .....	14
O novo, mas antigo território: retomada e situação atual da Terra Indígena Toldo Imbu.....	15
1. MINHA TRAJETÓRIA E REFERÊNCIAS BÁSICAS DA CULTURA KAINGANG .....	24
Referências básicas da cultura Kaingang .....	26
2. SABERES KAINGANG - RETOMANDO CONHECIMENTOS E PRÁTICAS ANCESTRAIS .....	33
2.1 Os kófa que são kujá .....	33
2.2 Alimentação tradicional Kaingang: plantas que alimentam, ervas que curam.....	44
2.3 A Ação Saberes Indígenas na Escola – pesquisas e vivências .....	44
2.4 O modo de preparo das folhas e ervas Kaingang .....	48
3. A IMPORTÂNCIA DA RETOMADA DOS SABERES E UMA PROPOSTA DE REPASSAR AOS JOVENS.....	62
4. EXPERIÊNCIAS COM JOVENS ALUNOS .....	70
CONCLUSÃO .....	76
Homenagem póstuma a meu pai Vilson de Paula - Um pouco de sua trajetória.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	80

## INTRODUÇÃO

No processo histórico de ocupação dos territórios tradicionais dos Kaingang, muitas comunidades indígenas foram submetidas a situações de extrema violência e pobreza. Naquela época (final do século XIX e início do século XX) a intenção da política indigenista era transformar os indígenas em trabalhadores rurais e urbanos, ou seja, o objetivo era integrá-los, civilizá-los, expressões utilizadas pelo governo brasileiro na época e usadas pelo atual governo de Jair Messias Bolsonaro, que expressou que nós, indígenas, não vivemos no Brasil “de verdade” e que seu governo vai trabalhar para nos integrar.

Ocorreram profundas mudanças nas condições de vida do povo Kaingang, contrariando as nossas necessidades e nossos reais interesses. Porém, nada foi capaz de extinguir ou mesmo modificar nossa cosmologia e determinadas características de nossa forma de viver como, por exemplo, o exercício de ir e vir dentro do nosso território de ocupação. Houve sempre resistência e o fortalecimento da organização social e política.

Nos dias de hoje observa-se um movimento para retomar alguns saberes e práticas, sem negar o acesso aos direitos fundamentais conquistados pelo povo brasileiro. No espaço desse movimento nos atentamos para as plantas medicinais, fonte de alimentação e fundamentais nos rituais de cura de doenças físicas e espirituais. Nós estudantes, nossos pais e avós nos preocupamos como será o futuro de nossas crianças, temos esse anseio e esperança de conseguirmos trabalhar com o pensamento voltado para nossa cultura, que envolve a terra, os costumes, o modo de viver, a maneira de sobreviver, o lazer do modo Kaingang, mesmo sabendo dessas dificuldades de enfrentar as autoridades que pouco se importam em fazer cumprir aquilo que a lei nos garante como direito, o território, a educação, a saúde.

Na região oeste de Santa Catarina há muitas comunidades indígenas que ainda recebem apoio de órgãos e organizações como a FUNAI e o CIMI, por exemplo, mas aos poucos apresentam tendência de perda de sua identidade, sua cultura e seus valores. Essa inquietação despertou a necessidade de uma investigação mais detalhada, especialmente relacionada com a possibilidade da retomada dos saberes e práticas relacionadas com a alimentação, as curas, o meio ambiente, através dos conhecimentos dos kófa (anciãos, pessoas sábias, conhecedoras da cultura kaingang).

Para fins de localização da pesquisa, a Terra Indígena Toldo Imbu está situada na região oeste do estado de Santa Catarina, no município de Abelardo Luz, a 574 km da capital, Florianópolis.

O presente trabalho tem por objetivo geral pesquisar o uso das plantas medicinais tradicionalmente utilizadas para alimentação e cura pela minha comunidade kaingang da TI Toldo Imbu. Nesse sentido, os objetivos específicos dizem respeito a investigar que valores e costumes ainda estão sendo cultivados na realidade indígena do Toldo Imbu e quais plantas ou ervas ainda estão sendo utilizadas como remédio e alimento, observando qual o conceito de doença está presente na cultura indígena atualmente, orientando a comunidade, principalmente os jovens. Quando menciono a palavra doença, quero me referir ao ambiente como um todo, uma vez que a terra para nós Kaingang é a mãe dos elementos da natureza em si mesma. O Kaingang diz que está doente devido à destruição de suas florestas, a poluição das águas, pois não há como ter saúde sem que todos os elementos estejam em equilíbrio.

Para que esse trabalho se concretizasse, fiz revisões bibliográficas; conversas com alguns kófa (anciões, sábios); reuniões com a comunidade, envolvendo jovens, mais velhos e as lideranças da TI Toldo Imbu, apresentando imagens e vídeos para analisar e pensar no coletivo as expressões da cultura Kaingang na conjuntura atual, os elementos significativos que estão guardados ao longo das gerações e para apontar os desafios de permanecer na comunidade e retomar com sustentabilidade os saberes e as práticas kaingang. Sempre com um olhar incondicional pela natureza. Digo isso, pois ela nos dá a vida, nos alimenta, nos encanta, nos dá felicidade e nos dá amor todos os dias, sem exigir absolutamente nada em troca. Utilizei parte de minha experiência de estágio no Ensino Médio em outra área chamada Terra Indígena Toldo Chimbanguê, localizada no município de Chapecó/SC. Fiz entrevistas utilizando as duas línguas: a kaingang, minha língua materna e paterna, e a portuguesa. Gravei as entrevistas em áudio e vídeo, com a permissão dos meus interlocutores, mas não utilizei perguntas formuladas. Fiz fotografias que ajudam a entender o texto e também usei imagens de relatório.

As palavras na língua kaingang não estão marcadas em itálico ou entre aspas no meu texto, pois a língua estrangeira neste país é a língua portuguesa.

## O lugar e os atores da pesquisa

Nós, Kaingang, mudamos muito de uma aldeia para outra, nos sentimos livres em transitar no território kaingang, que compreende todas as nossas aldeias e áreas de retomada. Isso acontece devido à necessidade de sair a trabalho, arranjar casamento e algumas vezes por conflitos internos.

Os arranjos familiares/casamento não acontecem apenas dentro da própria aldeia, podem acontecer inter-aldeia e ainda depois do casamento o casal pode mudar para uma terceira aldeia.

Uso como exemplo o casamento dos meus pais. A família do meu pai continua na Terra Indígena Votouro/RS, a família da minha mãe na Terra Indígena Nonoai/RS e passaram a residir na Terra Indígena Toldo Imbu – Abelardo Luz/SC.

Por conta disso essa rede de parentesco é espraiada, sempre carregando consigo essa bagagem de sabedoria que hoje em dia serve como troca de saberes. São os kófa os “carregadores” mais importantes dessa sabedoria ancestral e eu quis ouvir alguns. Durante as conversas variados assuntos e saberes são expressados, mostrando a importância de serem procurados e se sentirem valorizados. Abaixo escrevo alguns dados dos oito kófa que participam de minha pesquisa, quatro mulheres e quatro homens.

Escolhi os meus interlocutores a partir do muito ou pouco que eu já sabia deles, da experiência de vida. A maioria faz parte da minha família: seu Vilson e dona Doraci são meus pais, dona Luiza é minha “avó” paterna, professor Valmor é sogro do meu irmão, Valdecir é meu esposo, dona Nercinda e seu Afonso são meus vizinhos, mas é como se fossem meus pais, com dona Cezarina convivi por um bom tempo quando morava na TI Votouro, pois ela visitava a minha finada avó paterna quase todas as manhãs.

**Luiza Pedroso**, conhecida como **M̄yrkurĩn̄y** - M̄ynh kófa (no entendimento de tia do meu pai e neste caso, irmã mais velha da minha avó materna), da marca kanhru. Nasceu em 20 de agosto de 1916. É kujá na Terra Indígena Toldo Coroado-Votouro/RS, filha de Francisco Pedroso e Neiga Pedroso, natural da Terra Indígena Serrinha/RS.

**Cezarina Isaías**, conhecida como **Sirĩn̄y** - sem parentesco, da marca kanhru. Nasceu em 03 de agosto de 1930. Natural de Terra Indígena Serrinha – Ronda Alta/RS.

<p><b>Nercinda dos Santos</b> – sem parentesco, da marca kamẽ. Nasceu em 13 de fevereiro de 1956, natural da Terra Indígena Palmas/PR. Atualmente reside na Terra Indígena Toldo Imbu.</p>
<p><b>Doraci Loureiro</b> – minha mãe, da marca kamẽ. Nasceu em 11 de dezembro de 1961, na Aldeia Bananeira, Terra Indígena Nonoai/RS. Estudou até a 5ª série. Atualmente reside na Terra Indígena Toldo Imbu.</p>
<p><b>Afonso dos Santos</b> – sem parentesco, da marca kanhru. Nasceu em 12 de dezembro de 1945, natural da Terra Indígena Palmas/PR. Atualmente reside na Terra Indígena Toldo Imbu.</p>
<p><b>Valmor Venhrá Mendes de Paula</b> – professor, da marca kamẽ. Nasceu em 21 de outubro de 1957, em Palmas/PR. Possui formação como professor bilíngue pelo Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão, que existiu na Terra Indígena Guarita, em Tenente Portela/RS. Atualmente reside na Aldeia Vila Nova da Terra Indígena Palmas/PR.</p>
<p><b>Vilson de Paula</b> – meu pai, da marca kanhru. Nasceu em 20 de outubro de 1958, natural da Terra Indígena Votouro/RS. Estudou até a 2ª série. Faleceu em dezembro de 2019 na Terra Indígena Toldo Imbu.</p>
<p><b>Valdecir Oliveira Santos</b> – meu marido, da marca kanhru. Nasceu em 25 de dezembro no ano de 1971, na Terra Indígena Palmas/PR, estudou até a 4ª série na antiga escola da aldeia. Atualmente reside na Terra Indígena Toldo Imbu.</p>

### **O novo, mas antigo território: retomada e situação atual da Terra Indígena Toldo Imbu**

Como informado anteriormente, a Terra Indígena Toldo Imbu está localizada no oeste de Santa Catarina, município de Abelardo Luz, a 574 km da capital, Florianópolis.

Até 1917 a atual região oeste catarinense pertencia ao estado do Paraná e na época seu governador assinou o Decreto nº 07, de 18 de junho de 1902, reconhecendo partes das terras tradicionais Kaingang como território indígena denominado Xapecó, como pode ser visto no mapa abaixo.

Essa ação deve ser entendida como resultado da política indigenista de confinar os grupos indígenas, empreendida pelo estado brasileiro a partir do final do século XIX e início do século XX. Contudo, as terras ocupadas pelos grupos Kaingang que não se submeteram a esse confinamento ou não tiveram o domínio indígena reconhecidos foram consideradas terras públicas.

Figura 1 – Terra Indígena Xaçepó



Fonte: <https://labhin.ufsc.br/files/2016/05/TI-Xaçep%C3%B3-Decreto-n%C2%BA-07-de-18.06.1902.pdf>. Acesso em 29/09/19.

A Terra Indígena Xaçepó, como hoje é conhecida, tem papel fundamental na história dos direitos territoriais dos Kaingang na região sul e muitos pesquisadores escreveram sobre isso. O Toldo Imbu integrava a área destinada em 1902 por decreto, que totalizava aproximadamente 25.000 hectares. Atualmente está reduzida a cerca de

15.600 hectares<sup>1</sup>. Muita área foi perdida pelos Kaingang, pois parte do território Kaingang passou a ser apropriada privadamente, muitas vezes com o consentimento das autoridades governamentais locais, do poder judiciário e do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), criado em 1910.

O esbulho de parte desse território indígena começou em 1911, quando foi vendida a fazenda vizinha, chamada São Pedro. Nessa época, o novo proprietário usurpou as terras ocupadas pelos Kaingang.

O nome Toldo Imbu foi dado porque os índios costumavam se reunir em torno de uma árvore chamada imbu e existiam muitas dessas árvores na aldeia. O termo imbu designa uma árvore diferente, comum na região sul do país, originada na palavra mug, na língua kaingang. A árvore imbu deu o nome de Toldo Imbu, área também conhecida por Toldo do Chapecó Grande, local onde enterravam os umbigos de seus filhos, um dos elos dos Kaingang àquelas terras.

Como tinha muita madeira e também madeireiros instalados no lugar, por volta de 1950 os índios foram forçados a assinar um documento que dava direito aos colonizadores sobre a posse da terra. Despejaram os índios e entre eles encontrava-se Otavio Belino que, não querendo sair do seu lugar de origem, foi amarrado e forçado a desocupar o lugar. Dona Diva (Divaldina Luiz), ex-moradora do Toldo Imbu, relata no vídeo *A retomada do Toldo Imbu - Kaingangs na luta pela terra em Abelardo Luz (SC)*<sup>2</sup>, em 14 de julho de 2015, que quando foram expulsos pelos madeireiros, latifundiários, governo e SPI, eles saíram sem nada e após serem levados para o Posto Indígena que hoje é a Terra Indígena Xapecó, suas casas foram queimadas. Muitos não aceitaram permanecer no posto e se espalharam por outras terras indígenas.

De acordo com o *Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Toldo Imbu*, do ano 1999 (Monteiro *et al.*, 1999), está registrado que depois dessa expulsão as famílias Kaingang novamente se mobilizaram para retomar suas terras, mas o processo de demarcação do Toldo Imbu sofreu oposição dos produtores rurais e seus aliados políticos. O trabalho para a identificação e delimitação da Terra Indígena Toldo

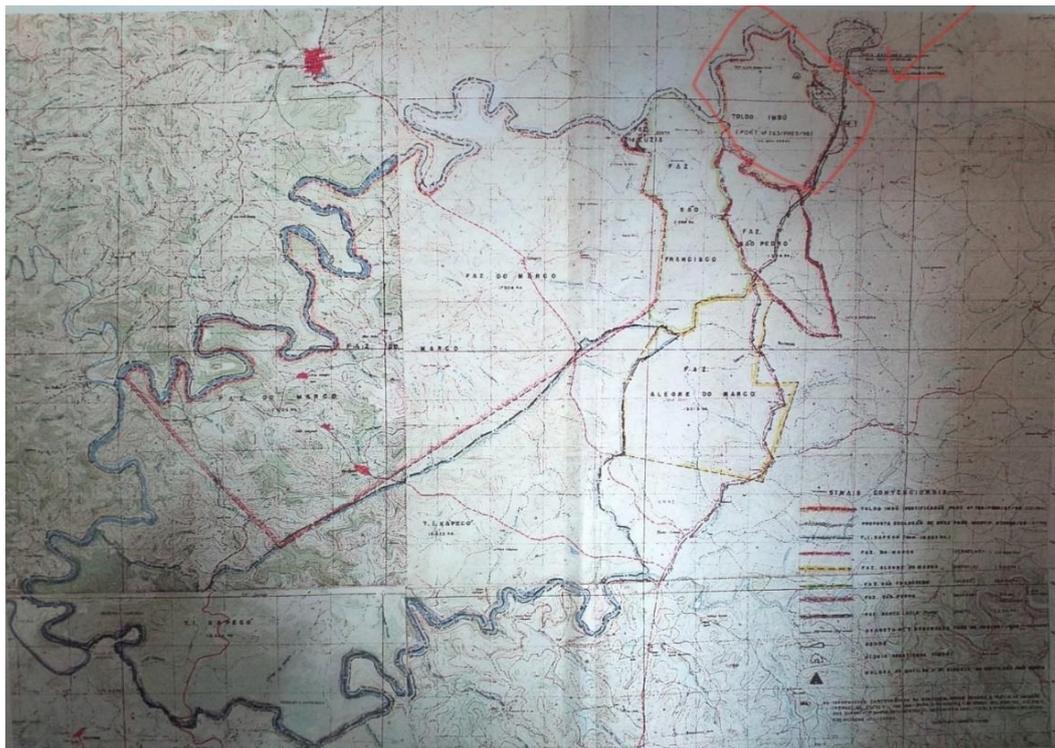
---

<sup>1</sup> Conforme [http://www.portalkaingang.org/index\\_xapeco.htm](http://www.portalkaingang.org/index_xapeco.htm). Acesso em 10/12/2019.

<sup>2</sup> A Retomada do Imbú - Kaingangs na luta pela terra em Abelardo Luz. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=MQYa\\_x7mo5M](https://www.youtube.com/watch?v=MQYa_x7mo5M). Acesso em 10/12/2019.

Imbu demorou. Foi iniciado pela FUNAI apenas em 1986 com a formação de um grupo técnico, que teve a responsabilidade de elaborar o relatório circunstanciado de identificação e delimitação. Depois de vários estudos houve o levantamento fundiário e a avaliação de benfeitorias dos ocupantes não índios incidentes na delimitação da Terra Indígena Toldo Imbu.

*Figura 2 - Mapa Toldo Imbu*



Fonte: Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Toldo Imbu, 1999.

Apesar da realização de reuniões entre os componentes do GT, agricultores, autoridades locais e demais envolvidos, o grupo foi impedido de executar os trabalhos pelos proprietários atingidos. Como se não bastasse, as disputas judiciais paralisaram por um longo tempo os procedimentos administrativos subsequentes.

Diante desse impasse criado pelos agricultores e seus representantes políticos, o processo de regularização das terras do Toldo Imbu ficou paralisado por cinco anos.

Em 20 de julho de 1998, através da Portaria nº 763, o presidente da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) constituiu um novo grupo técnico e em 09 de agosto foi organizada uma reunião com os moradores do Toldo Imbu.

Com a concordância de todos os presentes quanto à retomada do processo de identificação do Toldo Imbu por parte da FUNAI, foi formada uma comissão composta pelos indígenas Valdecir de Oliveira, Ivo Gonçalves e Francisco de Oliveira (avô de Valdecir, falecido em 2014), com a tarefa de manter a comunidade indígena informada das etapas do trabalho e de avisar o GT.

*Figura 3 - Leitura da ata da reunião para apresentação da proposta dos limites da TI Toldo Imbu*



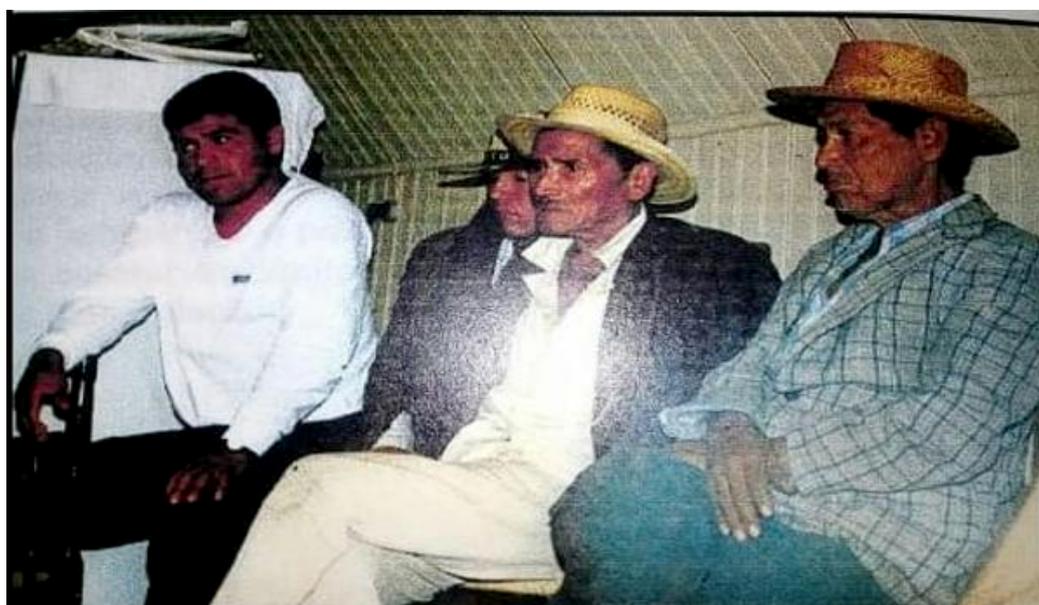
*Fonte: Sérgio Campos, 1998. Relatório do Toldo Imbu, 1999.*

*Figura 4 - Leitura e assinatura da ata da reunião para apresentação da proposta dos limites da TI Toldo Imbu*



Fonte: Sérgio Campos, 1998. Relatório do Toldo Imbu, 1999.

*Figura 5: Reunião no chalé do padre Genuíno. Bairro Ipiranga - Abelardo Luz-SC. Valdecir Oliveira Santos (camisa branca), João Batista (centro), José Belino*



Fonte: Relatório do Toldo Imbu, 1999.

Ao longo desse processo demarcatório, os conflitos se acirraram entre os produtores rurais e os Kaingang. Muitas batalhas judiciais foram travadas, além de idas

ao Ministério da Justiça, reuniões e diversos protestos. Esse conflito culminou com o assassinato do presidente do Sindicato do Empreendedores Rurais de Abelardo Luz e com a prisão de cinco índios Kaingang. Depois de muita luta Toldo Imbu foi declarada terra indígena pelo Ministério da Justiça em 2007. A portaria declaratória em questão - Portaria n. 763, de 19.04.2007 - reconheceu a tradicionalidade da Terra Indígena Toldo Imbu, com área aproximada de 1.965 hectares, de usufruto exclusivo do povo indígena Kaingang.

Apesar da falta de homologação pela Presidência da República, obtivemos mais uma importante vitória no Supremo Tribunal Federal (STF) em 03 de setembro de 2019. Foi negado, por unanimidade, pela primeira turma, o agravo que pedia novo julgamento sobre a demarcação da Terra Indígena Toldo Imbu. Desta forma, a disputa pela posse da terra segue indefinida. O juiz federal de Chapecó comunicou à Presidência da República de suas decisões, esperando que a homologação e a finalização do procedimento de demarcação possa ser acompanhado de um plano de desocupação e reassentamento dos agricultores. O CIMI, que acompanhou o processo, reafirma que é dever do órgão indigenista oficial, a FUNAI, realizar a indenização das benfeitorias de boa-fé, caso haja perímetro da área identificada e que o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) proceda ao reassentamento dos agricultores.<sup>3</sup>

Diante dessa nova situação a comunidade do Toldo Imbu reuniu-se para uma confraternização poucos dias depois, em 07 de setembro, como pode ser verificado nas imagens abaixo, figuras 5, 6 e 7.

---

<sup>3</sup> Essas informações foram publicadas pelo órgão CIMI. Ver <https://cimi.org.br/2019/09/terra-indigena-toldo-imbu-do-povo-kaingang-conquista-vitoria-no-stf/>. Acesso em 10/12/2019.

*Figura 6 - Abertura da confraternização com as lideranças indígenas do Toldo Imbu e convidados*



Fotografia: Sandra de Paula, 2019.

*Figura 7- Comunidade do Toldo Imbu assistindo e acompanhando a fala das lideranças*



Fotografia: Sandra de Paula, 2019.

*Figura 8 - Apresentação do Grupo de Dança da Escola Cacique Karenh*



Fotografia: Sandra de Paula, 2019.

## **1. MINHA TRAJETÓRIA E REFERÊNCIAS BÁSICAS DA CULTURA KAINGANG**

Nasci em 24 de janeiro de 1983 na Terra Indígena Mangueirinha, localizada no estado do Paraná (PR) e recebi o nome kaingang Tënva. Sou filha de Vilson de Paula (falecido em dezembro de 2019) e Doraci Loureiro. Falo fluentemente o kaingang, minha primeira língua, e também escrevo nessa língua. O aprendizado da língua portuguesa aconteceu mais tarde.

Apesar das condições de vida desfavoráveis, pouca roupa e calçado, pouca comida e moradia precária, eu ia diariamente para a escola. Atravessava uma pequena mata e cruzava um riozinho. O carreiro às vezes estava limpo e às vezes sujo. Quando chovia o riozinho enchia e no descuido, eu resvalava nas pedras e acabava voltando para casa. Meu pai mandava meu irmão mais velho me levar de volta e atravessar o riozinho comigo nas costas.

Comecei a frequentar a escola aos nove anos, na antiga Escola Indígena Kógũnh Sĩ, na aldeia Bananeira – Terra Indígena Nonoai/RS, onde fiz as séries iniciais e onde aprendi o português. Na 5ª série eu tinha que estudar fora da aldeia, coisa que o meu pai não aprovava. Meu pai alegava que as meninas que estudavam nas escolas não indígenas acabavam se envolvendo com os não índios. Ele achava que eu já estava na idade de aprender os afazeres da casa, para mais tarde arranjar casamento.

Mas eu queria estudar. Então, com a ajuda da professora não índia que morava na aldeia, eu consegui me matricular. Meus pais sempre iam comercializar artesanato nas férias e quando eles voltaram de uma das viagens, eu já estava estudando.

Estudei da 5ª até a 8ª série na Escola Adílio Daronchi, localizada na comunidade de São José, município de Nonoai-RS. Foi tranquilo meu estudo, apesar da discriminação dos colegas não índios e de não poder me defender, porque não sabíamos falar bem português. Eu e meus colegas Kaingang resolvíamos de outra forma as dificuldades: a gente partia para a briga e quase todas as semanas assinávamos o dito livro negro. O livro negro era um livro grande de anotações, no qual a gente assinava depois de uma conciliação entre partes. Se não resolvesse, era chamado o pai e depois o cacique.

Eu também estudava a língua kaingang à noite na Escola Indígena da Aldeia Bananeira da TI Nonoai/RS, porque já cursava a 8ª série e estaria apta pra atuar em sala

de aula. Era época em que não tinha professores Kaingang o suficiente para atuar nas aldeias da Terra Indígena Nonoai/RS.

Então, no ano seguinte eu fui contratada pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, com o aval do cacique José Orestes do Nascimento, para atuar na Escola Indígena Joaquim Gatên Cassemiro, localizada no Posto Indígena Sede, TI Nonoai/RS. Lá continuei meus estudos, trabalhava de manhã e estudava à tarde na Escola de Ensino Médio Maria Dulcina, em Nonoai/RS.

Lecionei por um ano nessa escola e nos anos seguintes retornei para a aldeia Bananeira, para trabalhar na Escola Indígena Pērôga, localizada em Benjamim Constant, TI Nonoai/RS. Essas idas e vindas atrapalharam os meus estudos, mas consegui concluir o meu ensino médio na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), na Escola Estadual de Ensino Médio Adolfo Giordani, localizada em Gramado dos Loureiros/RS.

No ano seguinte consegui entrar na Unochapecó – Chapecó/SC, através de vestibular para o curso de Pedagogia. Fiz dois semestres, mas por problemas internos da aldeia perdi a bolsa de estudos que eu ganhava da FUNAI, então parei de estudar.

Em 2003 nos mudamos para a Terra Indígena Votouro, situada em Benjamim Constant/RS. No final do ano de 2006, através de um funcionário da FUNAI, fiquei sabendo que teria vaga para professor bilíngue em Abelardo Luz/SC. Então me mudei em 2007 para a TI Toldo Imbu, onde resido até os dias de hoje. De 2007 a 2017 trabalhei na Escola Indígena Cacique Karenh da aldeia, como professora nas séries iniciais do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano.

Em 19 de setembro de 2009 nasceu o meu primeiro filho, Igor Aponã Kâka de Paula Santos. No mesmo ano casei com o meu marido Valdecir Oliveira Santos e em 28 de junho de 2011 nasceu o meu segundo filho, Iago Aponã Gojtãn de Paula Santos.

Atualmente estou concluindo o meu curso de graduação Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na UFSC e apesar dos altos e baixos nunca desisti. Logo que iniciei esse curso, em 2016, o meu esposo Valdecir foi recolhido junto à Penitenciária de Chapecó/SC, para início de cumprimento de pena, juntamente com seus dois irmãos, por motivo de condenação que ocorreu no júri realizado em junho de 2011, na cidade de Joaçaba/SC. Essa condenação envolve o processo de demarcação da Terra Indígena Toldo Imbu.

Em novembro de 2018 o meu filho Iago Aponã Goj Tãn teve febres altas e repentinas, e em razão disso o médico pediu o seu internamento para exames. Desde então segue a sua luta contra leucemia. Como se não bastasse, no dia 03 de dezembro de 2019 perdi o meu pai. Ele estava com problemas de saúde, porém a morte foi muito inesperada, uma simples dor no estômago que se agravou de um dia para o outro. Meu pai sofria da apendicite e quando os médicos descobriram já era tarde, pois o apêndice havia estourado e após a cirurgia meu pai sofreu uma infecção generalizada.

Enfrentei todos esses problemas com fé em Topê, pois é ele quem nos alcança força, e para amenizar a dor e a alegria voltar a reinar em nossa família, no dia 29/12/2019 nasceu meu terceiro filho, de nome Ravi Kauã Ga Tãn.

### **Referências básicas da cultura Kaingang**

De acordo com a tradição, conta-se que no princípio do surgimento do mundo os Kaingang surgiram do solo, por isso a cor da pele dos índios é semelhante à cor da terra. Logo, com dois grupos diferentes formados, kamẽ e kanhru, cada qual tinha suas características e habilidades (HAVERROTH, 1996). Justamente, o povo Kaingang se organiza em dois segmentos ou dualismo, que coincide com o cotidiano da aldeia, quando falamos do universo, da formação de lideranças, de casamento, inclusive.

Com relação ao universo, o sol é kamẽ e a lua kanhru. Quando morre um kamẽ, forma-se um círculo ao redor do sol e se for um kanhru forma-se um círculo ao redor da lua. Também quanto ao canto dos pássaros agourentos, sabia-se qual metade iria falecer. A dualidade não está presente apenas nas pessoas, mas também nas plantas, nos animais, nos astros e nas previsões.

Dona Nercinda dos Santos (marca tribal kamẽ) diz: “Nén û tag kynkyr pi há nỹ nỹ, inh mỹ fi tũg jé nor kokog ta kutu ra kur mỹ ham.” Traduzindo: “Não presta quando esses bichos cantam, a coruja chorou na noite anterior do falecimento da minha mãe.”. Sua mãe era da marca kanhru e faleceu em 2018.

Durante a minha última gravidez ela me mostrava muitas folhas para serem usadas durante esse período, para ter uma gravidez tranquila e também para não manchar o rosto.

O kanhru usa a metade bolinha (rá ror) e o kamẽ a metade risquinho (rá téj), para as pinturas corporais. O kanhru usa a cor vermelha do urucum e o kamẽ o preto do jenipapo. Na natureza tudo se relaciona com as marcas Kamẽ e Kanhru. O Kamẽ usa a marca comprida no corpo e também no artesanato. O Kanhru utiliza traços circulares no corpo e igualmente nos artesanatos.

Os membros de cada metade podem se casar com uma pessoa de outra metade que não seja a sua, digo Kamẽ com Kanhru e vice-versa. Para nós, Kaingang, a figura do pai é que define a perpetuação de sua metade, conseqüentemente filho de Kanhru, sendo homem ou mulher, será Kanhru, já filhos de Kamẽ serão Kamẽ. Como para o povo Kaingang a figura masculina define a descendência, não é aconselhado casamento de uma mulher Kaingang com um homem não-Kaingang, pois se acredita que desse relacionamento nascem crianças não-Kaingang, enquanto que o homem Kaingang pode casar com uma mulher não-Kaingang. Mas, o que se observa nos dias atuais é o fato de mulheres indígenas casarem com homem não-Kaingang e saírem da aldeia, até porque o homem branco não deve utilizar e nem se apropriar das terras indígenas por ganância, no capitalismo.

Na maioria das vezes temos situações em que filhos de pais fóg (não índio) são criados pelos avós maternos, aprendendo os costumes e a língua kaingang. Mais tarde podem também se tornar lideranças dentro de suas aldeias e até serem responsáveis por intermediarem os não falantes da língua portuguesa, pois eles têm mais facilidade em compreender e se expressar com os dois lados (Kaingang e fóg- não índio).

Lembro-me de conversas que eu tive com o meu falecido pai Vilson de Paula e o senhor Afonso dos Santos a respeito das marcas Kamẽ e Kanhru.

*Figura 9: Vilson de Paula e Afonso dos Santos*



Fotografia: Sandra de Paula, Florianópolis, 2017.

Figura 10 - Afonso dos Santos e Marcos Sullivan Nascimento



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu/SC, 2019.

Seu Afonso vinha todas as manhãs tomar chimarrão na minha casa, mas por problema de saúde ele vem somente quando o buscamos de carro. Recentemente fez a cirurgia da catarata, que ocorreu bem e está se recuperando. Tinha um apreço muito grande pelo meu pai, pois os dois são jêvy e kêke (da mesma marca, são kanhru) e falantes da língua. Sempre ouvi ele e meu pai comentarem a entrada dos fóg (não indígenas) nas áreas indígenas, sendo uma das preocupações deles a perda da língua kaingang.

Então entro na conversa (dia 11/08/19, Dia dos Pais) e o senhor Afonso falou sobre as marcas kamê e kanhru, para me auxiliar a identificar a metade à qual o meu marido pertence.

Diz o seu Afonso: “Ã rá hã re nĩ?” “*Qual a sua marca?*”

Eu lhe respondo: “Rá ror! mÿr inh panh vÿ rá ror nĩ, kÿ ja ti rá hã tuj mÿ ser...” Risos. E pergunto: “Mê?” E falo: “*Marca redonda (Kanhru), pois o pai é da marca redonda (kanhru), então eu carrego a marca dele, né?*”

Sr. Afonso: “Háv hã nẽ!” “*Sim, isso mesmo!*”

Eu: “Ju inh mén ti?” “*E o meu marido?*”

Sr. Afonso: “Ã mén ti panh vỹ tỹ fóg krẽ nĩ, ju ti mỹnh fĩ vỹ tỹ rá téj nĩ, ãn ki ti si ag tá ã nĩgru tu ã rá vé tĩ.” “*O pai do teu marido é um não índio e a tua sogra é marca comprida (kamẽ), nesse caso os mais velhos olham e dizem que marca que tu é através da unha.*”

Eu: “Kỹ isỹ inh régre mré nĩ, ker?” “*Então somos da mesma marca?*”

Sr. Afonso: “Hãra ã tỹ kikagtĩg ra ti mré jãg! Kỹ ãjag krẽ vỹ rá ror nỹtĩj ser mỹr ãjag tỹ ta jag rá rike nỹtĩn.” “*Você casou sem saber que são da mesma marca! Portanto os filhos de vocês são da marca redonda (Kanhru).*”

Logo lembrei da pergunta de um dos médicos que trata o meu filho Iago, que faz tratamento para leucemia há mais de um ano. Respondi-lhe que nenhum e complementei dizendo que sou natural do RS e ele do PR. No entanto, fiquei pensativa quanto a grau de parentesco entre eu e o meu marido. Então, o médico me disse que esse problema do meu filho ocorre em comunidades fechadas ou isoladas.

Seu Afonso e meu pai começaram a relatar que na época deles a primeira pergunta feita para início de prosa com uma moça era a seguinte: “Ã rá ti hãre nĩ?” “*Qual a sua marca?*” Dependendo da resposta, continuava a conversa ou não.

Meu pai, Vilson de Paula, contou então como conheceu a minha mãe, dizendo:

“Eu trabalhava para os não índio nas colônias e certa vez, a pedido de uma prima da tua mãe, fui num baile na TI Nonoai. A finada vó de vocês era muito séria, então pedi pra dançar com a mãe de vocês, tua vó pediu o meu rá (marca). Então falei rá ror e ela deixou eu dançar a noite inteira. Para a minha surpresa dali uns dias apareceu na TI Votouro a tua vó, a tua tia Nair [irmã mais velha da minha mãe] e a tua mãe. Me escondi delas, em cima de umas varas que o meu pai deixava erguido como se fosse um forro pra guardar as coisas. Conversaram bastante com a minha mãe, então a minha mãe pediu se a mãe de vocês sabia assar bolo, ela não sabia, então quem assou o bolo foi a tia de vocês. A finada vó de vocês e a minha mãe deixaram tratado que eu iria me casar com a tia de vocês. Depois que elas foram embora descí lá de cima e falei que eu não iria casar com a Nair, e no mesmo dia voltei para a casa dos meus patrões. Fiquei tempo trabalhando, mas não esqueci da mãe de vocês. Certa vez criei coragem e fui até a morada da tua vó e pedi

a mão da mãe de vocês em casamento. Tratamos o casamento perante os pã'i [lideranças], depois do nosso casamento fomos morar separados, numa casinha feita de capim. E estamos junto até hoje, tua finada avó sempre quis o meu bem, pois eu era o jamré [genro/marca contrária], coisa que hoje em dia não se vê mais.”

A minha mãe, Doraci Loureiro, também fez um relato quanto à importância das marcas (rá) e o quanto era valorizado naquele tempo. Essa conversa aconteceu em 16/11/19.

“Certa vez o teu pai disse que iria fazer uma viagem e eu não me importava quando ele saía, carregava a Juliana [minha irmã mais velha], no pescoço e no colo o Samuel [meu irmão, mais novo que a Juliana]. Ia na casa da avó e do avô de você [os pais dela], ia na igreja e de volta pra casa. Certa tarde descobri que o pai de vocês tinha fugido com uma outra mulher, mas eu não acreditava. Mesmo assim o pai de vocês vinha e me dizia que estava trabalhando, mas que a empreitada estava quase no fim, fazia o rancho, depois ia de volta. Antes da tua avó [mãe do meu pai] falecer ela me contou que ele chegou com essa mulher, dizendo que iria abandonar a minha mãe. Minha vó ficou muita irada e atropelou ele e a mulher de lá, dizia que ela tinha apenas uma nora (jamré/marca contrária). Que ela iria buscar a minha mãe e os seus dois netos na época, mas que ele esquecesse dela como mãe.”

A partir desses relatos percebe-se que nos arranjos familiares naquela época se valorizava muito as metades. Por conta disso os casamentos eram duradouros. Portanto, para casar era necessário ser de marcas diferentes, mas estão acontecendo casos em que pessoas das mesmas marcas estão se casando e isso para nós Kaingang é considerado incesto, parente com parente, podendo em alguns casos nascer crianças com deficiências.

Minha finada avó materna Masy (Cezarina Fortes) dizia: “Se você casar com um rapaz da mesma marca, você não vai ter voz e nem vez, não vai ser vista como a esposa dele. Se ele te trair, você tem que aceitar porque se você brigar as outras mulheres vão dizer que ele é marido delas. O mesmo acontece com o homem. Se acontecer ao contrário, a esposa pode ter outros parceiros e ele tem que aguentar quieto. Até porque não pode se meter em confusão porque você casou sem o consentimento da liderança [lei interna].”

Ainda sobre as metades kamê e kanhru, Dona Nercinda dos Santos diz: “Nunca separei, ói, o velhinho saía e chegava tarde, era a época que tiravam as madeiras pros chefes de posto, então ganhavam muito dinheiro e fazia muitas festas. Nossos pais não

aceitavam nossas separações, pois nossos casamentos eram feitos por eles.” Ela acredita que por conta dela ser kamẽ e o marido kanhru, a ligação era muito forte. Ela diz: “Os casamentos de hoje não duram porque não se casa mais pelas marcas, os casamentos são todos bagunçados e muitos são sem o consentimento dos pais.”

Conversando com os mais velhos, conseguimos entender melhor, acender e dar a devida importância a um costume essencial na organização social dos Kaingang, que inclui o compromisso com a descendência.

## 2. SABERES KAINGANG - RETOMANDO CONHECIMENTOS E PRÁTICAS ANCESTRAIS

### 2.1 Os kófa que são kujá

“A categoria *kujà* é traduzida pelos Kaingang por *pajé*, *médico* ou *cientista*. Em termos etnológicos corresponde ao xamã desta sociedade indígena. (...) O *kujà* protagoniza processos rituais de formação da pessoa e do corpo kaingang; preside ritos de nomeação, proteção e cura de pessoas e ambientes; seus conhecimentos transversalizam saberes que vinculamos às “ciências do homem”, “da natureza” e da “sobrenatureza”, tais como ecologia, psicologia, astronomia, religião, meteorologia, medicina, sociologia, geologia, botânica, antropologia, zoologia.” (FREITAS E ROKÀG, 2007, p. 214-215).

Durante a minha vida e a minha pesquisa ouvi e li várias vezes as palavras kujá e kófa. No meu entendimento o homem ou a mulher kujá trabalham com os vënhkagta (ervas que curam/remédios) e os jagrê (espíritos). Já o ou a kófa trabalham apenas com o vënhkagta.

Quando falamos a palavra kófa nos referimos a pessoas de mais idade, conhecedoras de vários aspectos da cultura kaingang, os anciões da aldeia, mas esses não trabalham com os jagrê (espíritos), como mencionado acima. Eles podem até trabalhar com os vënhkagta (ervas que curam/remédios), mas necessariamente não precisa ser um kófa para trabalhar com os vënhkagta.

No artigo escrito por Freitas e Rokàg (2007) sobre o II Encontro dos Kujá, que aconteceu de 28 a 30 de novembro de 2017 na Terra Indígena Kaingang Morro do Osso, em Porto Alegre/RS, está registrado que o kujá Jorge Kagnã Garcia fala que os vënhkagta/ervas ou remédios que curam vivem na mata. Todas as ervas que existem na mata foi Topê que deixou ali para nós. Então, dizemos que ao entrar na mata deve-se pedir permissão ao nã ga (dono da mata), deve-se pedir licença quando for tirar uma folha, casca, raiz etc. e agradecer ao sair da mata.

Segundo a dona Luiza Pedroso, cada ser é escolhido para fazer o seu papel na terra. Esclarece que ela, como kujá, tem o dever de cuidar das pessoas doentes (física e espiritualmente), que possui uma relação espiritual com a mata, que cada um nasce com esse dom e pode ser repassado. Disse, ainda, que o kujá tem que ser uma pessoa forte para

lidar com os jagrẽ (espírito), pois eles te sugam, eles se fortalecem através de ti e se você não os atende, eles ficam enfurecidos.

Nessa pesquisa eu pretendia melhor compreender a relação do kamẽ e o kanhru com os vẽnhkagta, e tinha o desejo de registrar a conversa sobre os conhecimentos e práticas dos saberes que o meu pai aprendeu com o kujá Jorge Garcia. Meu pai narrava muitas histórias contadas por Jorge Garcia e vivenciadas junto ao kujá. Lembro-me do sétimo dia que ele não podia faltar quando falecia algum morador da Aldeia Bananeira e eles eram responsáveis pela cerimônia, caso os parentes do(a) falecido(a) não fossem evangélicos. Lembro-me vagamente dos cantos e das rezas, amanheciam cantando e rezando, sempre rodando uma vasilha com alguma bebida, então iam descansar até a hora do enterro. No enterro já marcavam para o sétimo dia e eram uns cinco a seis homens que comandavam o grupo. Nunca ouvi falar que alguma mulher participasse. Meu pai ficava dias fora, mas a minha mãe sabia onde ele se encontrava.

O kujá Jorge Garcia é jamré (marca contrária) do meu finado pai, pois pertence à metade kamẽ, enquanto que o meu pai é kanhru. Faziam questão que houvesse casamento entre as famílias, mas isso não ocorreu.

Quando descobri que o meu filho Iago, de oito anos, tinha leucemia, eu fiquei indagada quanto ao diagnóstico dos médicos. Conversei muito com o meu pai a respeito. Surgiam vários pontos de interrogação quanto a esse diagnóstico. Meu pai não acreditava e inclusive tirava folhas e fazia chá para o meu filho. Como eu estava “internada” com o meu filho no Hospital da Criança Augusta Muller Bohner (Materno - Infantil), em Chapecó/SC, eu tinha medo dos médicos descobrirem e jogava fora esses chás.

Certo dia, conversando com o meu finado pai, relatei a ele o meu interesse em ir até a TI Nonoai/RS fazer uma pesquisa com o kujá Jorge Kagnãn Garcia. Então ele me falou: “Eu vou junto. Eu sei onde ele mora.”

No dia 06 de agosto de 2019 fomos até a Terra Indígena Nonoai, até a residência do kujá Jorge Garcia. Nos informaram que ele estava em Lajeado/RS, onde um dos seus filhos reside, mas que a esposa estaria mais adiante, passeando na casa de um dos seus netos. Fomos até lá. Encontramos a vó Kãrĩ destalando taquara. Ficou feliz em receber o meu pai, pois conviveram por muitos anos quando morávamos na Aldeia Bananeira.

Meu pai conta que ele era uma espécie de conselheiro do casal, pois na época eles brigavam e o vô Jorge Garcia saía da casa, então meu pai ia atrás dele e os dois voltavam

juntos para a casa do vô Jorge e da vô Kãrĩ, como são conhecidos. Meu pai conta que antes de voltarem para casa faziam festa uns dois ou três dias.

Quando chegamos a vô Kãrĩ disse pro meu pai: “Ã ta kitũn k̄y ã pi ta inh m̄y ti n̄on t̄ĩ m̄y.” / “Ninguém mais foi atrás dele pra traze de volta, porque era você quem fazia isso.” E os dois riram bastante.

*Figura 11 - Vô Kãrĩ destalando taquara*



Fotografia de Sandra de Paula, Aldeia Sede, TI Nonoai/RS, 2019.

Então ligaram para o Senhor Jorge Garcia, que conversou por telefone com o meu pai. Ele relatou sobre a doença do filho e que não voltaria tão cedo. Pediu para nós irmos até lá, mas por conta da distância e da minha gravidez à época, achamos melhor voltar para casa.

Numa tarde, seu Jorge ligou para o meu pai e falou sobre a kujá M̄yrkur̄ĩn̄y (Luiza Pedroso), que eles trabalharam juntos por muito tempo e que eu a procurasse.

No dia 09 de outubro de 2019 viajamos até a Terra Indígena Votouro, eu, meu pai e meu filho. Chegamos na casa da minha irmã, que reside no Faxinalzinho/RS, e dali fomos até a TI Votouro que fica a uns 2 km e faz divisa com a cidadezinha de Faxinalzinho. Chegamos na casa do meu irmão, então pedimos se ele sabia aonde a vô M̄yrkur̄ĩn̄y morava e ele falou que devia se a vizinha que mora ali na esquina. Nos contou

que dias atrás o açude tinha estourado e que a água quase tinha levado a casa dela com ela dentro. Ao chegarmos, ela nos confirmou o ocorrido.

Dona Luiza ainda não tinha levantado, batemos na porta, demorou e ela a abriu com a cara não muito boa. Imaginei que poderia ser por acordá-la. Ela pediu que entrássemos e arrumou as cadeiras para sentarmos. Arrumou o fogo, tirou uns galhos secos de bananeira e acendeu o fogo, colocou uma chaleira com água para esquentar e depois acendeu o cigarro. Ia pitando e arrumando a cuia, sempre repetindo a mesma pergunta: o que nós queríamos com ela? Pedi do que gostava para eu ir até o mercado comprar. Já era meio dia e me despedi. Na saída encontrei com a Dona Sirĩnỹ (dona Cezarina Isaías), comadre da kujá Mỹrkuĩnỹ, e pedi que participasse da nossa conversa, pois mais tarde eu voltaria. Deixamos combinado.

Chegando lá à tarde foi bem mais tranquilo, Dona Luiza estava faceira, reconheceu o meu pai, lembrou do meu tio e de como ela os chamava.

Para essa entrevista formulei perguntas, mas não pude fazê-las. Fiz a única pergunta: “Ã mỹ vẽnhkaga mré rãnrãj ti ver? / “Você trabalha ainda com as ervas?”

As pessoas mais velhas não costumam ficar respondendo em forma de questionário, elas gostam de falar, falar de tudo um pouco. Pedi sobre as ervas, ela começou a me contar do encontro que participou em Porto Alegre/RS, em 2017, o Encontro dos Kujá, mencionado anteriormente.

Durante a nossa conversa pude então confirmar que os mais velhos gostam de se sentir à vontade de falar o que quiserem, gostam de uma atenção especial e não gostam de ser interrompidos.

Figura 12 - Kujá Mýrkurĩnȳ (Luiza Pedrosa)



Fotografia de Sandra de Paula, Aldeia Votouro/RS, 2019.

Deu-se, em seu tempo, a seguinte conversa feita na minha língua materna e traduzida por mim posteriormente:

Kȳ fi vā inh m̄y. / *Então ela me disse:*

MÝRKURĩNÝ: “Āty vēnh so jān sór m̄y kemũ?” / *“Você ta querendo um benzimento?”*

INH: “Va! S̄y vé ã mré vāmén s̄i han sór vē!” / *EU: “Não! Eu só quero conversar um pouco com a senhora!”*

Fi p̄i han tu furun fi v̄y, goj ta sarera ki n̄m kar ka fi v̄y kuia ki han. / *Ela acendeu o fogo, colocou água a esquentar e foi arrumando a cuia.*

Fi v̄y fi vāju grug kar inh m̄y: / *Acendeu o seu palheiro e me pediu:*

MÝRKURĩNÝ: “Ā t̄y ũ krē n̄i?” / *“Você é filha de quem?”*

INH: “T̄y já N̄ikyg fi kar Zé Masijo neta fi n̄i!” / *EU: “Sou neta da finada N̄ikyg e do finado Zé Masijo.”*

MÝRKURĩNÝ: “Eh!” / *(Ficou surpresa)*

MŶRKURĪNŶ: “Inh pi inh su mré ke ti ha mŷr crente ag tŷ vé isu vĭ tĭ, feiticeira fi ke já ag ta nĭgĭ hamĕ, vĭgvĭ kamā tŷ nŷtĭg nĭ.” / *“Eu não faço mais os meus trabalhos, os crentes só falam mal de mim, dizem que eu sou feiticeira, falam demais.”*

MŶRKURĪNŶ: “Dia santo kar ki ja vĕnhkagta kugpŭn tĭ vŷ, kŷ já fejta han tĭ vŷ, hāra pi kāmŭ ta vĭn tĭ. Pi vāsŷ ge tĭg!” / *“Todo o dia santo eu queimava os meus remédios, fazia festa, mas agora é difícil virem me visitar, antigamente não era assim.”*

Inh vo tŷg já ki fi tŷ ākrĕn gé: / *Durante a nossa conversa ela lembrou do meu finado avô paterno:*

MŶRKURĪNŶ: “Ag mŷ ser kejĕn nego mŷ vĕnhvĭ van?” / *Ela me pergunta se tinham avisado o meu pai quando o meu avô faleceu - ela chama o meu pai de nego.*

Kŷ ja fi mŷ, háv kem! / *Então eu respondo que sim!*

MŶRKURĪNŶ: “E’e’e”. Ke fi tóg, kar katy kem. / *Ela faz e’ e’ e’ e depois fica em silêncio.*

MŶRKURĪNŶ: Jĕtu ke ka nĭg mág kar fi tŷ pā’i mág jĕmĕ, kar fi ta rā to kāmĕn ka ki vaj kŷ ta tŷ kutĕ nŷj kem. / *Ela dá uma pausa e logo pede como está o cacique, faz um comentário do sol e diz que amanhã vai amanhecer chovendo.*

Vó SIRĪNŶ fi tŷ ge tĭ, ĕg mŷ fi tŷ még ta krĭ kāfi ka ja ter mŷ ju ājag tŷ isŷ vānhjĕn kar jĕ. / *A vó SIRĪNŶ diz que ela pede pra eles darem uma machadada na cabeça dela, pra matarem ela, aí ela ia parar de incomodar. Risos.*

Ā ki fi vŷ fi tŷ Porto Alegre tŷ kujá ag jagnĕ katu tĭgtĕ ja to kāmĕn, gĭr mŷ ĕg tŷ vĕnhkagta pŭn tĭ, inh ma ag ta mŷ tĭ. / *Nesse momento Mŷrkurĭnŷ fala da sua ida a Porto Alegre RS, no encontro dos kujás.*

MŶRKURĪNŶ: “Ēg mŷ ag ta krĕkufár, porko, monh sugsun tĭ, ju vājān ta kynkar nŷtĭ, kusā ki fag ta ĕg mŷ kafé ha kafé com leite. Ju já ser tŷnh jāj mŷ, inh vātó vān ka, kŷ inh mré kujá fag tŷ.” / *“Eles assavam peixes, carne de porco, de gado, pela manhã faziam café, café com leite. E eu tava lá pra faze os meus cantos, com o meu cajado, e os meus companheiros kujás.”*

MŶRKURĪNŶ: “Hāra, hára, hára régre!” / *“Hāra, hára, hára irmão!”*

“Hāra régre!” / *“Hāra irmão!”*

“Javo aruno ta krĭ ki no fĕr kar nŷtĭj, nyr fygyfŷ tŷ fag tŷ vĕnhkagjigje ka nŷtĭj mŷ ham. Ājag mŷ há ju!” / *“Os alunos todos enfeitados com cocares cheios de penas e vestidos com roupas feitas de caraguatá da lagoa.”*

MŶRKURĪNŶ: “Vĕnhsānsān ra! Kej ja mŷ ser fag mŷ ham.” / *“Força! Diziam eles, e iniciávamos os cantos.”*

“Ka ĕg tŷ ag mré ser ag jĕ tó tĭ.” / *“Então cantávamos todos: kur tó! Kur ā jĕ tó!” / “Cante! Cante o teu canto!”*

MŶRKURINŶ: “Inh mré kujá ag kar kujá fag, ka já fag mré tŷj jãn tĩ há mã.” / “*Os kujá e as kujá, nós cantávamos todos juntos!*”

“Jorge Garcia, inh nŷn Kãrĩ fi.” / “*Seu Jorge Garcia e a sua esposa Dona Kãrĩ falavam*”:  
“Hára jãvy, vãsãn vãsãn ra! êg ta gĩr tag kugpej jé.” / “*Força! Para banharmos essas crianças!*”

MŶRKURINŶ: “Ju vênhkagta ta koso mag ên fãn ka nŷj mũ ham, êg ta gĩr kugpej jé.” / “*E tínhamos um cocho cheio de remédio pra banharmos as crianças.*”

“Ka já tŷj mũ há mẽ, ka ag ta ser: há tŷj! kej mũ ham.” / “*E eu cantava, então eles me diziam que estava muito bonito.*”

“Kur ã jé tó! Kujá! Ag ta ãjag grava kej jé.” / “*Cantem! Kujá! Que eles vão gravar vocês.*”

“Ka ja ser jãg tĩ hamẽ, inh vátó vyn ka ja tŷj jã ser.” (Risos) / “*Então eu ficava de pé com o meu cajado na mão.*” (Risos).

“Hája! Haja! Hává! Hává

Há mŷ ke mŷ hává jéke!

He vá jéke he mŷ ke mũ!

Inh! Kujá ag tŷj ãn mũ nŷtĩ

Ke mũ nĩ ó...

A mẽ ke nẽ ke mũ...”

(Sem tradução, pois a letra tem significado apenas para nós, Kaingang).

MŶRKURINŶ: “Mrérér, mrérér kej já ta javu hamẽ, fag ta fag nĩgé nugnóg vŷ hamẽ.” / “*Eles faziam muito barulho batendo palmas.*”

MŶRKURINŶ: “Ka ag ta inh mŷ, vóvó ũ tó mãn ra ke tĩ!” / “*E eles diziam vovó cante mais um!*”

Me gá! mŷ emŷ hévŷ hŷjẽ

Hává gájŷ

hŷrá kyjmŷ nĩ tag ti

ti kar vég nĩ

kanhgág vŷ tu mũ

hára ti ta êg vég nĩ... ham risos ke já tĩ

(Sem tradução, pois a letra tem significado apenas para nós, Kaingang).

MŶRKURINŶ: “Aruno ta rija fãfãn hamẽ.” / “*Os alunos enchiam ônibus.*”

MŶRKURINŶ: “Mŷ ājag mŷ há sa ājag mŷ tŷj jā ti, ěmā e’ty ke ta kāmŷj hamě.”/ *“Eu pedia se eles estavam gostando dos cantos, vinha muitas outras aldeias para esse evento.”*

MŶRKURINŶ: “Pirā krĭ mag ān ham kósin, mǎn ka nér kri gǎr ta farĭnh nĭkru ti ham pĭ ān tu grĭn ka nŷj mŷ ham!” / *“Cabeça de peixe enorme, ao redor tinha farinha de milho torrado, muita fartura, minha filha!”*

MŶRKURINŶ: “Isŷ vēhé ge tĭ pi jé, hǎra inh ne vé kaga kamā nĭ kem!” / *“Não é de agora que lido com isso (kujá), mas eu estou muito doente!”*

MŶRKURINŶ: “Hǎra ne kera kósin inh ne jé. Deixa assim ke nŷnŷ.” / *“Mas agora, minha filha, eu pensei e disse ‘deixe assim’”*

MŶRKURINŶ: “Pi inh mré ke há nŷtĭ pi sŷ nén ũ han kŷ inh mré vej kāmŷj. Hǎra ta vēnhmŷ kar nŷtĭ kŷ ti hĕrĕn kŷ inh mŷ inh vēnhkagta pŷr vej kāmŷj. Há ka sa mré para kej ke ka nŷn.” / *“Eles não sabem lidar comigo e com as minhas crenças, então como que eu vou acender os meus remédios se eles não acreditam.”*

MŶRKURINŶ: “Inh mǎn kǎtĭg sór ta tĭ.” / *“Ele sempre quer vir me buscar.” (Nesse momento ela fala do seu guia, que quer vir buscá-la, mas que ainda não é a hora).*

MŶRKURINŶ: “Sĭgar ũ grŷg ra kumŷre, kar goj rǎ vé, kron ka mǎ fi ta nĭ.” / *“Acenda o meu cigarro, comadre, e es quente mais água, ela gosta de toma chimarrão.”*

Essa conversa foi gravada em vídeo e após a gravação continuamos conversando, pois ela se sentiu mais à vontade. A kujá ficou muito feliz por eu estar ali visitando-a, falou até que eu só ia voltar para o seu velório, porque os parentes a abandonaram e que eu também iria fazer o mesmo. Perguntava a toda hora por que eu nunca a visitei, então falei que a culpa era do meu pai, por não me contar que eu ainda tinha uma “avó” viva e que é kujá. Rimos muito. Queria que eu fizesse a janta, pois já começava a escurecer. Queria também que eu pousasse em sua casa, pois à noite ele iria chegar. Perguntei quem chegaria e ela falou que era o mĭg sí (tigrinho). Fiquei em silêncio, mas curiosa, e perguntei a razão dela ter se distanciado da minha vó materna. Então ela contou que quando morreram duas tias minhas por parte de pai, diziam que ela não as tinha curado, mas na época ela não conseguia lutar contra os espíritos que se manifestavam nas minhas tias. Fiz a minha parte, dizia ela, mas que na época a minha avó paterna também tratava a minha tia que faleceu com remédios feitos por uma curandeira fóg (não índia). Na volta comentei a conversa com o meu pai e então ele me disse que há muito tempo ela trabalha com isso, que o mĭg sí (tigrinho) é o jágrĕ dela.

Minha mãe Doraci lembra do tempo quando era criança: “Quando vínhamos do Kógũnh s̃ [Ervalzinho], aldeia Bananeira, TI Nonoai, passear na Aldeia Vila Alegre [Sede - TI Nonoai]. Dona M̃yrkuriñy residia lá e já atendia os moradores. Nós éramos muito curiosos, queríamos ver o m̃g s̃ (tigrinho) que escutávamos falar. Ela comprava a cachaça pra beber com o m̃g s̃ (tigrinho), então nos reuníamos pra ir espiar ela, mas paramos depois que alguma coisa assoprou em nós no buraco. Ela conversava com ele, dançava pulando, imitando o gemido do tigre.” Minha mãe é evangélica, mas conta que quando pequena seu jagrẽ (espírito) saiu do seu corpo e que graças ao seu Júlio Garcia, kujá daquela época, o jagrẽ (espírito) dela retornou. E confirma que antes das igrejas evangélicas entrarem nas aldeias as pessoas procuravam muito os kujá.

A kujá M̃yrkuriñy falou sobre a minha gravidez e disse que daria tudo certo, que eu sou forte. Pediu que eu fizesse um chá de casca da gabirova quando estivesse no último mês. Disse ela: “Kusã pir ta tũ ãn ki”, ou seja, me ensinou como eu tinha que tirar a casca, porque o efeito podia ser contrário. Risos. O chá é para estourar a bolsa logo e o bebê descer junto com o líquido. M̃yrkuriñy também me ensinou a fazer o chá para tomar durante a dieta: “Pra te limpar por dentro”, dizia ela.

Todos esses ensinamentos foram válidos, inclusive o médico que me atendeu falou que foi o parto mais tranquilo que ocorreu naquele dia 29/12/2019.

Fiquei muito feliz e agradecida por ter a oportunidade de conhecer a avó paterna e kujá dona M̃yrkuriñy, e espero retornar à aldeia do Votouro em breve e poder vê-la novamente.

A seguir, acrescento mais fotos da kujá e de seu lugar. Apesar da idade avançada, ela acende o fogo, arruma a cuia e ainda trata as galinhas. Também tem suas pequenas lavouras de feijão e mandioca, conserva tudo limpinho. Ela mesma carpe o terreno com enxada e organiza seu espaço, como podemos ver o improvisado ninho para as galinhas numa velha caixa de som (Figura 14).

*Figura 13 - Kujá M̃yrkurĩñy (Luiza Pedroso) em sua cozinha*



*Fotografia de Sandra de Paula, Aldeia Votouro/RS, 2019.*

*Figura 14 - Quintal da Kujá M̃yrkurĩñy*



*Fotografia de Sandra de Paula, Aldeia Votouro/RS, 2019.*

*Figura 15 - Santos de devoção da Kujá Mýrkurĩnỹ*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Votouro/RS, 2019.

*Figura 16 - Kujá Mýrkurĩnỹ jogando milho para as galinhas*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Votouro/RS, 2019.

Os kujá e os kófa nos demonstram que o saber da floresta os ensinava e ensina.

## **2.2 Alimentação tradicional Kaingang: plantas que alimentam, ervas que curam**

A cultura, o território, a língua e a alimentação são elementos que, entre outros, ajudam a preservar o modo de viver de um povo. Durante muitos anos nós, Kaingang, tínhamos uma alimentação natural e saudável, obtida através da coleta, plantio, da caça e da pesca, subsistência essa livre de agrotóxicos.

A alimentação tradicional era de suma importância para o nosso povo. Nossos avós tiveram uma velhice saudável, não faziam consulta aos médicos fóg (não-índio). Durante a gravidez, a alimentação era toda controlada pelas kófa (anciã) e eram elas que diziam o que a gestante podia e não podia comer durante a sua gestação.

Eram épocas de fartura, existia ainda bastante mato. Minha avó fazia muito o kumĩ (mandioca brava) acompanhado de farĩnh totor (farinha de milho torrada) ou o ãmi (bolo na cinza), fuva com régró (feijão), pyrfé (urtiga), acompanhado do pisé (farinha de milho feita no pilão) e a kirera (canjiquinha). Meus avós plantavam para o consumo e não para comercializar. As carnes que eu lembro daquela época eram o ratão do banhado, o tatu, a pomba etc.

Nos dias atuais nós, Kaingang, vivemos em situações e espaços diferentes. Algumas terras são demarcadas e outras são acampamentos. Vivemos da agricultura, entre outros itens. Há também áreas localizadas em espaços urbanos, nos quais as famílias vivem do artesanato. Apesar de vivermos em contextos diferentes, temos em comum aspectos importantes da nossa cultura, a valorização e a vivência da sabedoria dos nossos kófa (anciões). Com todas essas situações enfrentadas pelo nosso povo, acabamos deixando parados no tempo alguns dos nossos costumes.

## **2.3 A Ação Saberes Indígenas na Escola – pesquisas e vivências**

O que é a Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE)? A Ação Saberes Indígenas na Escola (Núcleo SC)<sup>4</sup> é um projeto do MEC de formação continuada de professores indígenas e não indígenas em escolas localizadas nas terras indígenas no país.

Em 2015 iniciou-se um trabalho de fortalecimento da cultura na minha aldeia e escola, ou seja, viver os ensinamentos de práticas da cultura, fazendo com que animasse em nós a sabedoria ancestral do nosso povo Kaingang. Ainda,

Saberes Indígenas na Escola é uma ação que busca promover a formação continuada de professores da educação escolar indígena, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica nas escolas indígenas; oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas; oferecer subsídios à elaboração de currículos, definição de metodologias e processos de avaliação que atendam às especificidades dos processos de letramento, numeramento e conhecimentos dos povos indígenas; fomentar pesquisas que resultem na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues, conforme a situação sociolinguística e de acordo com as especificidades da educação escolar indígena (MEC). (Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/177450>. Acesso em 30/01/2020).

De 2015 a 2018 aconteceram oficinas, reuniões e encontros dentro e fora das escolas nas terras indígenas, e também na UFSC. Participei deste projeto. Esses encontros promoveram na comunidade um despertar para o entendimento e sentimento da vida tradicional e o que deixamos e retomamos como prática. Nesses encontros percebia-se a preocupação de cada morador da aldeia quanto à prática e à valorização da cultura Kaingang, quanto aos costumes, como o artesanato e as comidas típicas kaingang. Mas, em primeiro lugar foi acentuada a valorização dos kófa (anciões), ou seja, eles se sentiram valorizados, pois é através deles que retomamos esses valores. Os kófa se

---

<sup>4</sup> A ASIE é projeto coordenado pela UFSC em conjunto com a Secretaria de Estado de Educação de Santa Catarina. Faz parte da Rede Sul-Sudeste, composta pelos estados de MG, ES, RJ, SP, PR, SC e RS. Foi instituído pela Portaria nº 1.061, de 30/10/2013 e regulamentado pela Portaria nº 98, de 06/12/2013 (Secadi/MEC). O Núcleo SC efetivou o trabalho com professores indígenas de três etnias presentes no estado: Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng de Terras Indígenas situadas em muitos municípios, cujas escolas pertencem à rede estadual. Ver a página: <https://saberesindigenas.ufsc.br/>.

sentiram privilegiados e a prova disso era que meus pais não perdiam um encontro. Tive a oportunidade de aprender muitas coisas com eles nessas ocasiões. Eles se sentiam importantes por poder repassar as memórias de seus ancestrais. Lembravam de relatos feitos pelos seus pais e avós, ao redor do fogo, tomando chimarrão.

A ASIE foi organizada com as comunidades indígenas e as comunidades escolares, num conjunto. No oeste de Santa Catarina foram realizados grandes encontros com as comunidades Kaingang:

Os Grandes Encontros Kaingang ocorrem em periodicidade trimestral (que pode ser repensada de acordo com a necessidade que se apresenta) e tem a finalidade de reunir orientadores de estudo, professores cursistas, sábios, lideranças e a comunidade para a troca de reflexões em torno dos tempos e espaços da educação indígena e das relações possíveis entre educação indígena e educação escolar. Falas e saberes dos anciões pautam as reflexões. Além disso, é o momento de socializar as ações que estão ocorrendo nas escolas, entre as equipes, bem como visa o planejamento e alinhamento para atividades futuras. (ASIE – Grandes Encontros. Disponível em <https://saberesindigenas.ufsc.br/kaingang/encontros/>. Acesso em 30/01/2019.

*Figura 17 - Encontro da ASIE, na UFSC, Florianópolis/SC*



Fotografia de Sandra de Paula, UFSC, 2017.

A comunidade do Toldo Imbu, juntamente com os professores, escolheu por trabalhar o tema “Alimentação Tradicional Kaingang” durante as três edições do projeto ASIE, pois sentiu a necessidade de retomar, registrar e praticar conhecimentos para repassar para as nossas futuras gerações. Aprendemos na prática, pois acompanhamos desde a coleta ao preparo, e na teoria através dos relatos e dos materiais produzidos.

A coleta e o preparo envolviam os professores, os alunos e a comunidade, instruídos por um kófa (ancião), quanto à época da coleta, qual parte da planta colher e o ponto certo de cozimento de cada alimento, até porque algumas plantas são tóxicas. A alimentação kaingang tem uma grande representação cultural, a comida é um elemento social extremamente importante, é um momento em que interagimos, pensamos no coletivo e partilhamos os conhecimentos e as estratégias.

Quando nos reuníamos debaixo das árvores para o dia das comidas típicas era um momento de confraternização. Todos se serviam alegres do alimento saudável e em abundância. Eram momentos únicos.

Sobre a ASIE, temos o depoimento de Arnaldo Alves de Assis, professor na TI Xapecó, também integrante do projeto:

A ASIE para nós professores Kaingang é para nos motivar e dar continuidade aos trabalhos que já eram produzidos nas escolas. Através da ação nos fortalecemos ainda mais, valorizamos ainda mais os conhecimentos de nossos anciões, que precisam ser valorizados. Eles são nossos verdadeiros professores. Um dia não estarão mais entre nós, mas os conhecimentos e a história permanecerão viva para nosso povo. Através desses conhecimentos, continuaremos vivos, fortes, na luta por conquistas, direitos e pelo reconhecimento como um povo com história, cultura e língua próprias que não perdemos nem esquecemos a nossa identidade Kaingang.” (DARELLA ET AL., 2018, p. 144)

Nos povoamentos dos Kaingang somos unidos, o trabalho é e era feito no coletivo, costume que acabamos parcialmente deixando no tempo, mas que graças a esse projeto ASIE nossos kófa (anciões) se sentem valorizados e acabam nos repassando esses conhecimentos. Esse projeto fez com que olhássemos para dentro de nós e acordássemos aquele espírito Kaingang adormecido, fazendo com que lembrássemos os versos, as cantigas, os hábitos alimentares e muitas outras práticas culturais.

#### **2.4 O modo de preparo das folhas e ervas Kaingang**

Neste item do TCC procuro apresentar informações sobre oito plantas que são muito importantes, muito apreciadas pelos Kaingang na alimentação e também são medicinais. Para nós, Kaingang, cada planta tem o seu espírito e através da folha conseguimos distinguir a sua metade - kamẽ/kanhru. Portanto. Ao entrar na mata devemos pedir permissão, conversar com a planta ao tirar alguma parte dela, seja ela folha, casca ou raiz. Se tirar a raiz devemos cobri-la novamente e a casca deve ser tirada sempre para o lado onde nasce o sol.

- **KUMĪ** - mandioca brava. Nome científico *Manihot esculenta ranz.*

Essa planta é de extrema importância na nossa alimentação kaingang. Segundo minha finada vó paterna Nĩkyg (Maria Pedroso), seu consumo pelas mulheres prevenia o

câncer do colo do útero, o corrimento, DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis), conhecidas como “ũn têtá kaga” (doença de mulher).

É uma planta tóxica e deve ser preparada por uma pessoa que saiba fazê-lo. É usada a sua folha, as pontas mais novas, pois se a planta estiver florescida não serve para o consumo. Após coletada já deve ser iniciado o preparo, pois as folhas podem sofrer alteração, como por exemplo murchar.

Modo de utilizar: tire as pontas do kumĩ, das folhas novas, coloque dentro do pilão. Conforme você soca o volume vai diminuindo e você vai colocando mais. Depois das folhas bem moidinhas, retire do pilão. Coloque a cozinhar em fogo alto, a água já tem que estar fervendo, o fogo não pode diminuir. Durante as fervuras a água da panela vai mudando de cor, isso acontece a partir da segunda fervura. Devem ser feitas de três a quatro fervuras. Em uma outra panela es quente banha de porco e sal, coloque o kumĩ, sempre espremendo para tirar bem o líquido.

Comemos o kumĩ acompanhado de farinha totor (farinha de milho torrada) ou o ãmĩ (bolo na cinza).

*Figura 18 - Escolhendo as folhas do Kumĩ para socar no pilão*



Fotografia de Marcos S. Nascimento, TI Toldo Imbu/SC, 2019.

*Figura 19 - Socando o Kumĩ no pilão*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu/SC,2019.

*Figura 20 - Kumĩ socado saindo do pilão*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu/SC, 2019

*Figura 21- Colocando o Kumĩ na panela para cozinhar*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu/SC, 2019.

*Figura 22 - Início da fervura do Kumĩ*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu/SC, 2019.

Figura 23 - Kumĩ cozido



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu/SC, 2019.

- **FŶJ** – caraguatá. Nome científico *Bromelia pinguim*.

O fŷj é uma planta que faz parte da rica alimentação kaingang. Possui folhas longas com fortes espinhos. Os kófa (anciões) recomendam coletar sempre pela manhã ou de tardezinha, para que seus espinhos estejam menos afiados. É usado durante a dieta da mulher, acompanhada do pisé (farinha de milho torrado e socado no pilão).

É aproveitado para consumo o caule da planta, então cortamos ela bem próxima da raiz, com facão ou foice.

Modo de utilizar: retire as folhas mais grossas e depois os espinhos. Prepare uma panela com banha de porco e água, coloque a cozinhar por cerca de 15 minutos ou até ficar macio, podendo também ser cozido no feijão. Sua mistura é o farĩnh totor (farinha de milho torrada) ou o ãmĩ (bolo na cinza). A planta também é usada para o preparo da roupa de danças kaingang. É necessário deixar secar, depois coloca na água para amolecer um pouco, a seguir deve ser batida em cima de uma tábua (como se bate roupa na pedra). Por fim, os fios devem ser tirados e amarrados numa cordinha.

*Figura 24 - Fỹj (Caraguatá)*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu/SC, 2019

*Figura 25 - Preparo do Fỹj (Caraguatá)*



Fotografia de Marcos S. Nascimento, TI Toldo Imbu/SC, 2019.

Figura 26 - Colocando o Fỹj (Caraguatá) para cozinhar



Fotografia de Marcos S. Nascimento, TI Toldo Imbu/SC, 2019.

- **SIRAJ** - conhecida como cerraia ou serralha. Nome científico *Sonchus Oleraceus*.

É uma erva daninha que serve de alimento para o povo Kaingang.

Modo de utilizar: a gente colhe as folhas mais novas, que não estejam ásperas e nem espinhentas, coloca-as na água quente e deixa cozinhar, depois tempera com banha de porco e pode também pôr no meio do feijão temperado. Para acompanhamento: farinha totor (farinha de milho torrada) ou ãmĩ (bolo na cinza), como as duas plantas anteriores. Serve para o fígado, dores reumáticas, dor no estômago etc.

*Figura 27 - Siraj (Serralha)*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu, 2019.

- **FUVA** - erva moura. Nome científico *Solanum Nigrum*.

É uma planta muito utilizada pelos Kaingang.

Modo de utilizar: colhemos o caule e as folhas mais novas, antes de ela florescer, colocamos na água quente e deixamos cozinhar. Depois tempera com banha de porco, pode também pôr no meio do feijão temperado. Para acompanhamento: farĩnh totor (farinha de milho torrada) ou ãmĩ (bolo na cinza).

Sua raiz serve para fazer chá e previne várias doenças, como problemas urinários e corrimento de mulher.

*Figura 28 - Fuva (Erva Moura)*



Fotografia: Sandra de Paula, TI Toldo Imbu, 2019.

*Figura 29 - Meu pai Vilson de Paula escolhendo o Fuva*



Fotografia de Sandra de Paula, Toldo Imbu/SC, 2015.

*Figura 30 - Fuva cozido*



Fotografia de Sandra de Paula, Toldo Imbu/SC, 2019.

- **RANISA** – radite, conhecida por radite do mato. Nome científico *Hypochaeris chillensis*.

Serve de alimento para nós do povo Kaingang.

Modo de utilizar: refogada na banha de porco, combinando muito bem com arroz e feijão.

Também é feito como salada.

Depois de florescido serve apenas para chá, que combater o câncer de próstata e problemas urinários.

*Figura 31 - Ranisa (Radite)*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu, 2019.

*Figura 32 - Ranisa (Radite) florescida*



Fotografia: Sandra de Paula, Toldo Imbu, 2019.

- **TỸSA JE** – tanchagem. Nome científico *Plantago major*.

A tanchagem é muito utilizada para infecções urinárias, misturada com uma outra folha (espinho de galo), ela serve para tratar corrimento de mulher. Seu chá também serve para combater infecção interna.

*Figura 33 – Tanchagem*



Fotografia de Sandra de Paula, Toldo Imbu, 2019.

*Figura 34 – Valmor Venhrá Mendes de Paula com tanchagem e susuaia*



Fotografia de Sandra de Paula, TI Toldo Imbu/SC, 2018.

- **KÓGŪNH** – erva mate. Nome científico *Ilex paraguariensis*.

A erva-mate serviu e serve de trabalho para o próprio sustento, desde o início da exploração na nossa região. Hoje se sente a necessidade de replantar, pois com o passar dos anos os ervatais sofreram impacto com a exploração da madeira, quase sendo extintos.

A página eletrônica Tua Saúde (<https://www.tuasaude.com/erva-mate/>) menciona essa planta tão importante, principalmente no sul do Brasil.

A erva-mate é uma planta medicinal que apresenta um fino caule de cor cinza, folhas ovais e frutos pequenos de coloração verde ou vermelho-arroxeados. Ela é muito cultivada na região Sul do Brasil, sendo utilizada como remédio caseiro para o colesterol devido às propriedades que possui.

A erva-mate também é conhecida popularmente como mate, congonha ou chimarrão, sendo comercializada como chá mate.

Os primeiros a fazer o uso da erva-mate como alimento fomos nós indígenas, repassando tal costume ao homem branco. O chimarrão é muito usado nas nossas comunidades nas horas de descanso, nas rodas de conversa e em várias outras ocasiões. Arrumar uma cuia de chimarrão para um kófa é sinal de respeito, na nossa cultura.

Modo do preparo do chá: coletar as folhas, deixe secar e depois coloque uma quantidade de folhas num copo e acrescente água fervente. Usado como anti-inflamatório.

Modo de preparo do chimarrão: coloque a erva mate de lado até a metade da cuia e mova a erva para umas das laterais. Acrescente água fria cuidadosamente para fixar a erva na lateral. Depois coloque a bomba, tire a água fria e derrame a água quente.

Figura 35 – Erva-mate e Valmor de Paula com erva-mate e vãn sã



Fotografias de Sandra de Paula, Toldo Imbu/SC, 2018.

- **PYRFÉ** – urtiga. Nome científico *Urtica dioica*.

O pyrfé (urtiga) faz parte das comidas típicas Kaingang. As pontas de suas folhas macias servem de alimento e devem ser tiradas antes do florescimento. Sua raiz serve como anti-inflamatório, feito chá.

Modo de preparo: cozinhar as pontas das folhas macias e depois tempere com banha de porco e sal, acompanhado do pisé (farinha de milho socado no pilão).

*Figura 36 - Urtiga*



Fotografia de Sandra de Paula, Toldo Imbu/SC, 2018.

O Professor Valmor Venhrá Mendes de Paula relata a importância de se repassar às crianças os saberes sobre as plantas medicinais, pois é um bem valioso que o nosso Topē (Deus) permitiu usufruirmos como benefício que a mãe natureza nos oferece, desde a plantas, rios, animais etc. Ele trata, ou seja, já tratou vários tipos de enfermidades, citou algumas como pedra nos rins, infecções de bexiga, tratamentos antes e após o parto.

### **3. A IMPORTÂNCIA DA RETOMADA DOS SABERES E UMA PROPOSTA DE REPASSAR AOS JOVENS**

Devido à situação em que a minha comunidade indígena se encontra em relação a condições alimentares e sanitárias, sinto que há necessidade de ajudar a encontrar saídas para solucionar, em parte, esses problemas.

Saliento novamente que a minha pesquisa se refere basicamente à alimentação tradicional kaingang: plantas que alimentam e ervas que curam, questão que evidentemente não pode ser compreendida sem a análise do contexto como um todo e é assim que os kófa pensam e agem: tomando a cultura kaingang como um todo. Ressalto ter como objetivo revitalizar conhecimentos tradicionais do povo Kaingang e é partindo desses conhecimentos que surgiu a ideia de criar um projeto para desenvolver o reflorestamento de nascentes na Terra Indígena Toldo Imbu, pois na aldeia o desmatamento tem aumentado gradativamente, devido às grandes lavouras que existem dentro do limite demarcado. Para esse trabalho busquei esclarecimentos com os mais velhos e com lideranças da aldeia. Conversamos sobre construção de hidrelétrica<sup>5</sup>, linha de transmissão<sup>6</sup>, estação de tratamento de esgoto<sup>7</sup> etc. na região ou mesmo no município de Abelardo Luz. Nossa preocupação era o grande impacto ambiental e o perigo para crianças que iam nadar nos rios e também por haver áreas de pesca.

Realizei uma pesquisa no dia 21 de agosto de 2019 com Valdecir Oliveira Santos, morador e liderança da Terra Indígena Toldo Imbu, para a disciplina Patrimônio Material e Imaterial II do curso de Licenciatura Intercultural. Eu tinha por objetivo registrar e relatar lugares de memórias dentro dos limites da aldeia. Fomos pelas divisas dos rios e das lavouras, pois a área demarcada é tomada pela lavoura, como podemos ver na figura 37. E os agricultores vão derrubando o pouco de mata que existe.

Como os lugares são distantes uns dos outros, iniciamos pela manhã e durante a nossa caminhada deu para perceber a grande destruição feita pelo homem. As grandes

---

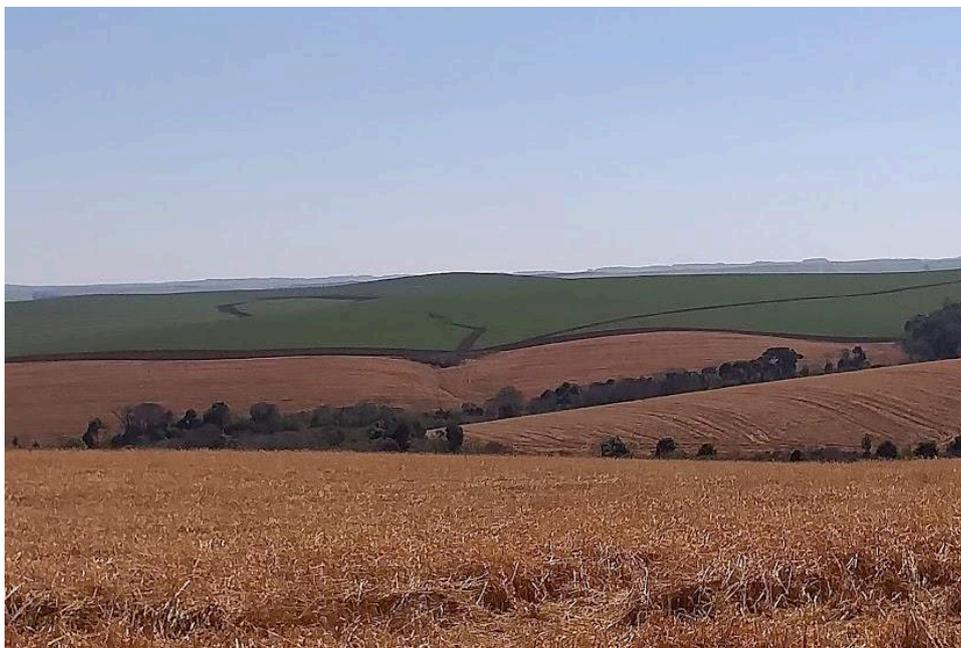
<sup>5</sup> PCH Mangueira de Pedra, no Rio Chapecó.

<sup>6</sup> LT Salto-Santiago - Itá Nova Santa Rita 500kV, empreendimento que pertence à TSBE (Transmissora Sul Brasileira de Energia), em consórcio com a Eletrosul. Em 2012 foi feito um Estudo de Impacto Socioambiental sobre as comunidades indígenas impactadas: TIs Xaçepó, Toldo Imbu, Toldo Pinhal, Mato Preto e Carreteiro.

<sup>7</sup> Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), suspensa em 2014 em decorrência da falta de Estudo de Componente Indígena.

lavouras engolindo, destruindo as fontes, as matas, matando os rios que ali existem ou existiram.

*Figura 37 - Imagem das lavouras*



Fotografia: Sandra de Paula, Toldo Imbu/SC, 2019.

Essa preocupação quanto à devastação das poucas áreas verdes que ainda existem dentro do limite da TI já vinha de muito tempo, mas ela se torna mais presente e visível quando se escuta o relato de memória de alguns lugares, como o Rio Passos das Antas, o Jaboticabal, o Gojror (poço redondo), o Imbuzeiro, por exemplo.

Valdecir ia relatando como era o Rio Passos das Antas cerca de 20 anos atrás, época em que iniciaram a retomada da terra. O pouco que restava está sendo destruído.

Rio Passos das Antas, localizado na comunidade Passos das Antas, onde passa a rodovia SC 155, é um local onde sempre se encontravam as antas bebendo água.

*Figura 38 - Rio Passo das Antas*



Fotografia: Sandra de Paula, Toldo Imbu, 2019.

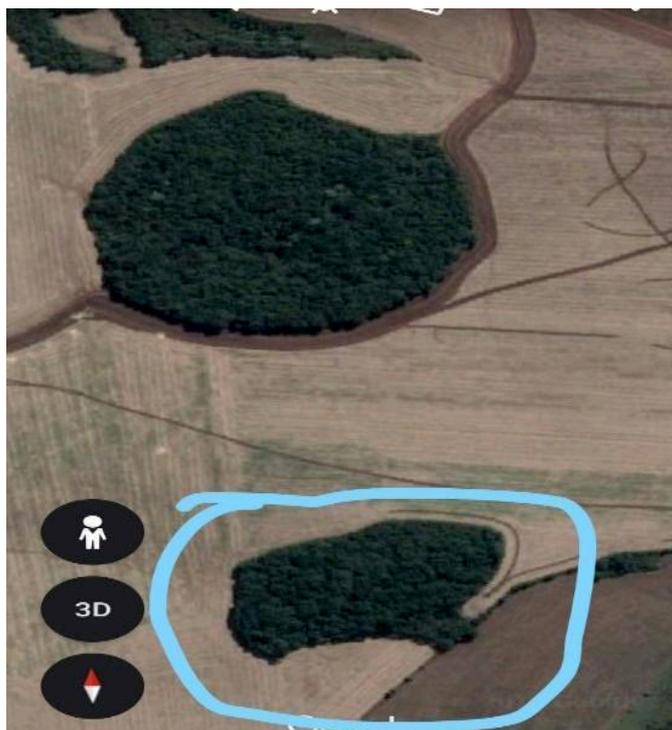
O Jaboticabal, local de coleta das frutas quando era época da jaboticaba, fica localizado no meio da lavoura e é uma parte da mata que restou.

*Figura 39 - Jaboticabal*



Fotografia: Sandra de Paula, Toldo Imbu, 2019.

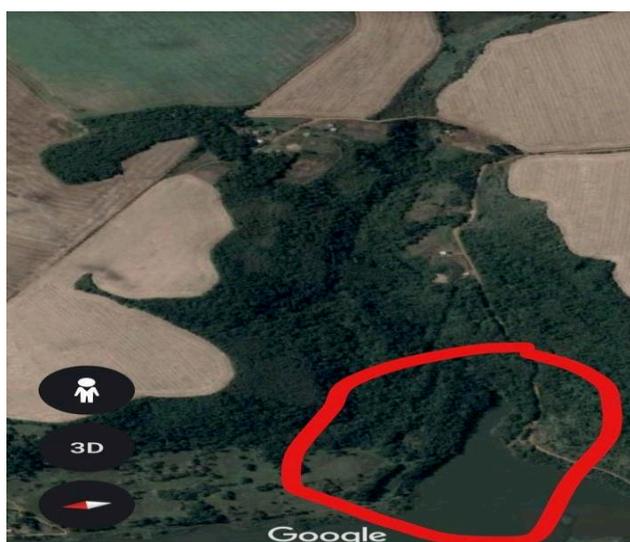
*Figura 40 – Jaboticabal (vista aérea)*



Fonte: Google Earth. Acervo: Sandra de Paula, Toldo do Imbu, 2019.

Goj ror (poço redondo) é onde o Rio do Passo das Antas e o Rio Chapecó se encontram, a parada para matar a sede e o cansaço para seguir a viagem.

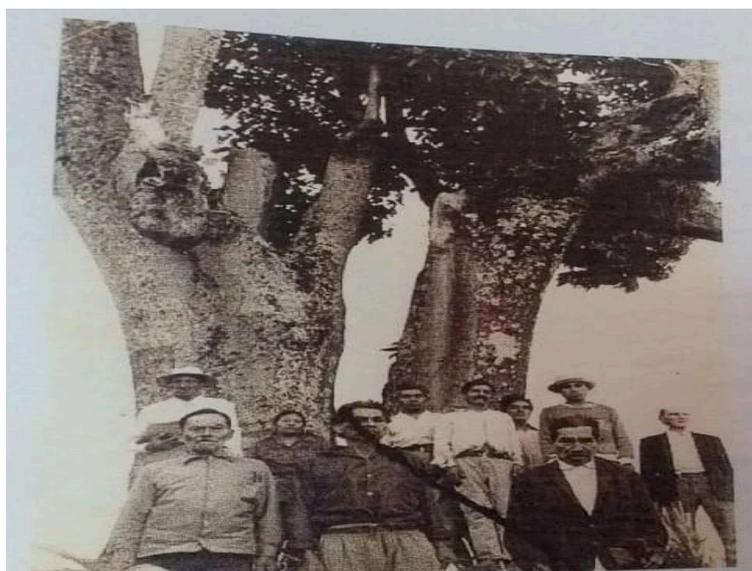
*Figura 41 - Goj ror (poço redondo)*



Fonte: Google Earth. Acervo: Sandra de Paula, Toldo do Imbu, 2019.

Imbuzeiro: lugar onde era enterrado o umbigo das crianças que nasciam, lugar esse que hoje em dia é apenas lavoura, pois o tronco do imbu foi arrancado.

*Figura 42 – Imbuzeiro*



Fonte: Relatório Toldo Imbu, 1999.

Cada espaço desse chão conta história, história essa que para o fóg (não índio) não tem valor algum. “Só quem sentiu na pele sabe o que é a luta pela terra, os velinhos que na época iniciaram a retomada não existem mais, passaram mais de vinte anos e ainda continua a luta, temos que repassar essas experiências aos mais jovens porque nós vamos morrer um dia, e alguém tem que prosseguir”, fala Valdecir Oliveira Santos.

Valdecir conta que no início eles não podiam fazer muita coisa, pois estavam lidando com grandes empresários. Nas figuras abaixo vê-se onde um empresário da cidade tirava barro para fabricar tijolos. Foi feita uma denúncia no MPF de Chapecó-SC, em 2008 e apenas cerca de dois anos atrás foi barrada essa atividade.

*Figura 43 - Valdecir Oliveira Santos em local de nascente*



Fotografia de Sandra de Paula, Toldo Imbu, 2019.

*Figura 44 - Local de nascente*



Fotografia de Sandra de Paula. Toldo Imbu, 2019.

A ideia de replantar árvores nativas para proteger as nascentes é uma preocupação de toda a comunidade indígena na aldeia Toldo do Imbu e, segundo Valdecir, só assim estaríamos investindo no futuro de nossos filhos, garantindo-lhes água potável, alimentação sem agrotóxicos e recuperando as plantas que servem para remédio. Dessa forma é possível transmitir conhecimento para os jovens indígenas de como utilizar as plantas - folhas, frutos, raiz, casca, galho etc., a colheita no tempo certo etc. Uma das preocupações e cuidados de cada comunidade é sobre a utilização de agrotóxicos muito próxima de onde se encontram essas plantas nativas.

As figuras 43 e 44 reafirmam a fala de Mauro Armelin, coordenador do Programa da Amazônia do WWF-Brasil, em entrevista ao site do programa Globo Ecologia sobre reflorestamento:

“Nascente de água é aquela água que brota no solo. Se deixarmos ela exposta ao sol ou com uma cultura por cima que não está integrada com o regime hídrico, ela vai secar. Aí, alguém vai dizer: ‘ah, mas é só um olho d’água’. Sim, é um aqui, outro ali e daqui a pouco não temos mais água.”<sup>8</sup>

Essa é uma realidade que vem ocorrendo há mais de cinquenta anos, com a degradação que afetou e vem afetando diretamente as comunidades indígenas. Hoje em dia só conseguimos registrar o que aconteceu com a floresta através de imagens (fotos, vídeos), mas é preciso haver a implantação de projetos para recuperar as matas, buscando parcerias com o órgão indigenista - a FUNAI, com o CIMI, a Secretaria Municipal de Agricultura, a EPAGRI e outros interessados pela defesa das florestas nas terras indígenas.

Valdecir completa dizendo que a comunidade tem total interesse em mostrar a realidade daquilo que era e é o meio de sobrevivência do nosso povo e não fotos de grandes lavouras de soja. Muitas vezes o dono da lavoura tem dificuldade de fazer o tratamento, pois não encontra água no local da sua propriedade. Na nossa região já vimos com nossos próprios olhos caminhões-pipa abastecendo os pulverizadores.

---

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.floratiete.org.br/a-importancia-do-reflorestamento-nas-margens-e-nascentes-dos-rios/#.XeCOaHdFybw>. Acesso em 10/12/2019.

Figura 45 - Imagem aérea da localização da nascente



Fonte: Google Earth. Acervo próprio.

Nas figuras 43 e 44 podemos ver a localização de uma das nascentes que vem sofrendo pela ganância do homem, num desrespeito às leis e à natureza.

Quando o assunto é a degradação do meio ambiente, com problemas climáticos como o efeito estufa, o aquecimento global ou espécies em extinção, é difícil não pensar nas atitudes humanas e em seu modo de vida descuidado em relação ao seu habitat.

O sistema econômico capitalista vem levando as pessoas a seguir um caminho que não prioriza a preservação ambiental e as alternativas sustentáveis. Nos últimos anos se fala muito sobre as mudanças climáticas e alternativas de sustentabilidade, sem esquecer que o consumismo segue a todo o vapor, gerando lucros às empresas e movimentando a economia que prioriza o instante e não a eternidade.

#### **4. EXPERIÊNCIAS COM JOVENS ALUNOS**

Apresento a experiência que obtive a partir do estágio de docência feito na Escola Fen'no, localizada na Terra Indígena Toldo Chimbanguê – Chapecó/SC, realizado em 23, 24, 25, 28 e 29 de outubro de 2019, como parte do requisito do curso de Licenciatura Intercultural. Na oportunidade trabalhei o tema Espaço, Território e Territorialidade, com o objetivo geral de reconhecer e identificar os conceitos de espaço, território e territorialidade kaingang através de práticas pedagógicas de aprendizagem, conhecimentos tradicionais antigos e atuais de sustentabilidade quanto ao uso e preservação do meio ambiente, direito de representatividade e valorização da cultura Kaingang dentro e fora do ambiente escolar.

Entre conversas e também videoconferências com o Professor Valmor Venhá Mendes de Paula durante as aulas de estágio transmiti aos alunos do 3º ano do Ensino Médio como se dá o processo de demarcação de terras indígenas no Brasil e quanto aos direitos assegurados na Constituição Federal de 1988. Mostrei os entraves, as dificuldades, os jogos de poder e a relação entre a estrutura fundiária brasileira que vem dificultando o avanço das políticas públicas voltadas à questão indígena no Brasil.

Eu refleti com os alunos quanto estamos sofrendo pela ganância, que tapa os olhos de alguns líderes indígenas, sendo que os interesses particulares acabam deixando a comunidade perecer. Como indígenas Kaingang devemos lutar por um todo, pela preservação dos rios, das matas. É dever nosso conservar o meio ambiente e seus valores para que futuramente possam ter uma visão reflexiva do sujeito indígena na sociedade e como ser indígena na sociedade Kaingang, acentuando principalmente o que o indígena quer, suas expectativas sobre o mundo da sociedade não indígena com a comunidade em que vive.

Sabemos que estamos numa luta diária para preservar o pouco que nos resta e recuperarmos o que for possível: nossos costumes, modo de vida, língua, organização familiar, território. E sempre devemos estar atentos no que se refere aos direitos indígenas, ao conceito de terra indígena e ao direito à terra para protegê-la.

Nossos jovens devem estar cientes de que a terra nos alimenta, nos cura. Sem a terra demarcada não conseguimos proteger nossos rios, nossas matas. Devemos

conscientizar e orienta-los desde cedo a cuidar, a preservar, pois sem a terra não temos uma limpa e potável, não podemos preservar o pouco da mata que nos resta.

Sabemos que o fóg (não índio) não compreende nossos costumes. Porções de terra não tem significado nenhum, pois ele é um estranho que vem à noite e tira da terra aquilo que se necessita. Trata a sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas e vendidas. Seu apetite devorará a terra, deixando apenas um deserto, como bem expressa a antiga e conhecida Carta do Chefe Seattle, dos EUA.

“Vocês devem ensinar as suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem as suas crianças o que ensinamos às nossas: que a terra é nossa mãe. Tudo que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspiendo em si mesmos.”<sup>9</sup>

Reconhecidas lideranças indígenas brasileiras têm expressado com grande sabedoria esses sentimentos e conhecimentos sobre a Terra e a natureza. Vejamos palavras de Davi Kopenawa Yanomami e logo após de Ailton Krenak:

O que eles chamam de natureza e, na nossa língua antiga, *Urihi a*, a terra-floresta, e também sua imagem, visível apenas para os xamãs, que nomeamos *Urihinari*, o espírito das florestas. É graças a ela que as árvores estão vivas. Assim, o que chamamos de espírito da floresta são as inumeráveis imagens das árvores, as das folhas que são seus cabelos e as dos cipós. São também as dos animais e dos peixes, das abelhas, dos jabutis, dos lagartos, das minhocas e até mesmo as dos grandes caracóis *warama aka*. A imagem do valor de fertilidade *ně roperi* da floresta também é o que os brancos chamam de natureza. Foi criada com ela e lhe dá a sua riqueza. De modo que, para nós, os espíritos *xapiri* são os verdadeiros donos da natureza, não os humanos.” (KOPENAWA e ALBERT, 2015, P. 475) (Grifos do autor)

---

<sup>9</sup> Fonte: <http://www.etc.com.br/infantil/2015/07/entenda-o-valor-da-terra-para-os-povos-indigenas>. Acesso em 10/12/2019.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. (KRENAK, 2019, p. 49-50)

Ainda escrevendo sobre a experiência do estágio realizado na Escola Fen'no, na TI Toldo Chimbangué, todos os anos é organizada na escola a semana das comidas kaingang, em que cada turma juntamente com o professor regente escolhe um tipo de comida que irá trabalhar em sala de aula, com a coleta e o preparo no último dia. Como eu estava estagiando com a turma do 3º ano, fiquei responsável por auxiliá-los na coleta e no preparo. Eles me sugeriram o Fỹj (caraguatá), disseram que era diferente e que eles não sabiam como se dava a coleta e como se dava o preparo. Na saída para a coleta, tivemos a oportunidade de perceber a importância dos rios e a importância de sua preservação contra o desmatamento, o uso dos agrotóxicos etc.

Existem muitas pequenas lavouras nos arredores dos rios e os alunos comentavam que seus pais usam agrotóxico na maioria das vezes. Usamos o f̃ỹnh (caraguatá) como exemplo, pois se trata de uma planta que existe ao redor dos rios e é muito sensível ao veneno.

Nas figuras abaixo é possível ver a diferença do caraguatá em local exposto ao veneno daquele que não está.

*Figura 46 - Fỹj - Caraguatá exposto ao veneno*



Fotografia: acervo próprio.

*Figura 47 - Fỹj exposto ao veneno*



Fotografia: acervo próprio.

O f̃ynh das figuras 46 e 47 não serve para consumo, os caules são finos e não rende, alguns são rijos.

*Figura 48 - Fỹj - local distante do uso de veneno*



Fotografia: acervo próprio.

O f̃ynh da figura 48 pode ser consumido, pois o seu caule é grosso e podem ser tiradas várias camadas até encontrar a parte mais mole. O teste é feito com a unha: você corta em torno de 5 cm, as beiradas são cheias de espinhos e essas também precisam ser retiradas.

Pedi para que cada aluno me entregasse um pequeno texto a partir do seguinte tema: “A importância da demarcação de terras indígenas com relação ao meio ambiente”. Houve algumas falas não muito favoráveis por parte de alguns alunos com relação ao tema, pois alguns expressaram que não faria muita diferença morar numa terra indígena ou não. Quanto à preservação, alguns questionaram porque fazer alguma coisa se ninguém faz nada sem ter algum interesse particular.

Tive que conversar bastante com eles para amenizar a questão, dizendo que a terra onde a família deles mora e as vagas em universidades, por exemplo, foram conquistadas através de uma luta, de uma reivindicação.

Em compensação, recebi lindos textos falando sobre a importância de preservar os rios, a mata, pois é dali que sai a água que bebemos e as plantas que nos alimentam e nos curam.

Para surpresa dos alunos, no mesmo final de semana aconteceu o vestibular para indígenas da UFFS em Chapecó, e o tema da redação foi sobre “demarcação” e dois dos alunos estavam inscritos. Na segunda-feira pegamos os rascunhos das provas que os alunos levaram para a escola, oportunidade na qual o diretor pediu para tirarem cópias e passarem aos colegas. Retomamos o tema, mas agora num tom diferente por partes dos alunos.

O estágio de docência foi de grande valia, apesar do cansaço de encerrar as aulas com a cabeça quase estourando, exausta e muitas vezes chateada pela falta de disposição de alguns alunos em participar. Até por estarem numa idade de rebeldia, mas por outro lado tinha aqueles dois, três que faziam com que acreditássemos que nem tudo estava perdido. Foi uma experiência incrível e que não me arrependo de ter chegado até aqui, pois se eu tivesse desistido na primeira dificuldade não saberia como iria ser o final.

## CONCLUSÃO

Através deste trabalho de pesquisa pude perceber que a nossa cultura kaingang apenas se encontra adormecida em alguns aspectos, mas que há uma necessidade urgente em acordá-la e iniciar o trabalho de retomada por nós indígenas, lideranças políticas, professores, acadêmicos juntamente com os kófa e os kujá que ainda restam.

Durante a minha pesquisa pude perceber que os kófa não conseguem falar de um tema sem ser num todo, a vida para eles não é dividida, repartida. Não conseguem relatar seus conhecimentos, suas crenças, seus costumes, apenas num modo único. Também pude notar que eu precisava desse estímulo de busca e agradeço a minha orientadora a qual me questionava o tempo todo.

Devemos continuar com as nossas ações, preservar o pouco que nos resta, dizer não à ganância e à exploração da terra e dos rios. Não deixar que nos dividam, nos contaminem com ações de destruição. Temos observado os conflitos internos e externos na terra indígena, tudo interesse do capitalismo, do agronegócio.

Precisamos e devemos deixar a Terra Indígena Toldo Imbu em condições para os nossos descendentes, assim como os nossos antepassados o fizeram.

Acredito que através da educação buscamos saídas para podermos nos munir de ferramentas, conhecimentos usados pelos opressores, para lutar pelos nossos direitos, para retomar a forma de viver diferenciada, a cultura, a crença.

Neste momento pedimos socorro para não sermos extintos.

## **Homenagem póstuma a meu pai Vilson de Paula - Um pouco de sua trajetória**

Meu saudoso pai Vilson de Paula nasceu em 20 de outubro de 1958, na Terra Indígena Votouro – São Valentim /RS. Quando criança passou por muitas necessidades, chegando a estudar apenas até a 2ª série. Sua língua materna e paterna era a Kaingang, e a sua professora falava unicamente o português. Ele faltava constantemente às aulas, pois viajava muito com a sua avó materna, Dona Angelina Moreira, para a venda do artesanato. Outro fator que dificultava a sua frequência escolar era o fato de não ter roupas e calçados. Dizia: *“Quando a avó de vocês lavava as minhas mudas de roupa eu tinha que esperar secar. Também gostávamos de trocar os nossos materiais escolares por comida, daí a professora chamava o avô de vocês e nós apanhava em casa.”*

Meu pai contava que na época eles saíam muito de uma aldeia para outra, para trabalhar para os não indígenas, fazendo roçadas, empreitadas. Ficavam temporadas fora até terminarem os serviços. Além disso, faziam o artesanato Kaingang para vender e devido a essa necessidade de trabalhar para o sustento da família ele acabou aprendendo o português.

Quando jovem foi trabalhar de empregado para uma família não índia em Sertão/RS. Conheceu a minha mãe nas visitas que fazia ao seu falecido irmão Floriano de Paula, filho do meu avô paterno com a finada Jakáj, mãe da dona Tereza Jacinto, esposa do cacique Zé Lopes, da TI Nonoai/RS.

Como ele já sabia trabalhar devido a experiências que adquiria com os não índios, minha avó materna aprovou ele como genro, então conversaram entre as duas famílias e ficou acertado de a minha tia mais velha escolher entre o meu pai e o meu tio Gomercindo de Paula, irmão mais velho de meu pai. Mas meu pai tinha se interessado pela minha mãe, pediu a minha mãe em casamento. Então, em 03 de novembro de 1979 meu pai casou-se com a minha mãe. Tiveram cinco filhos, Juliana, Samuel, Sandra, Alécio e Dorilde.

Meu pai sempre lutou pela demarcação da TI Nonoai e lembro quando o meu pai saía para marcar os limites da TI na Linha Taquaruçuzinho, onde não eram bem recebidos pelos fóg (não índio), pois tinham que fincar os marcos dentro de lavouras. Também lembro quando ficamos acampados na época da retomada das terras que pertenciam ao Ademar Dall’asta, na época prefeito de Nonoai. Quando iniciei a minha pesquisa, li muitos documentos guardados pelo meu esposo Valdecir e, para minha surpresa, encontrei uma ata de reunião que ocorreu na FUNAI em Brasília em 1995, contendo a assinatura do meu falecido pai. Senti saudades e ao mesmo tempo muito orgulho.

As figuras abaixo são cópias da ata feita em Brasília com as assinaturas do meu pai Vilson, do cacique José e do capitão na época Ivo, sublinhadas em vermelho.





Vilson de Paula

A vida é como um trem e nesse trem somos os passageiros, e a cada parada algum passageiro desembarca, portanto, meu pai chegou ao seu destino.

Em 02 de dezembro meu pai foi submetido a uma cirurgia de risco no Hospital Regional São Paulo de Xanxerê/SC, devido ao rompimento da apêndice, o que até naquele momento não sabíamos. Meu pai sofreu uma infecção generalizada e foi transferido para a UTI do Hospital São José, da cidade de Maravilha/SC. Ainda tínhamos esperança, pois meu pai era um homem forte, nada o abalava, mas infelizmente o pior veio a acontecer. No dia seguinte, 03/12/2019, às 8:40 da manhã, ligaram do hospital pedindo que a família comparecesse. Até hoje eu não acredito, finjo que o meu pai está passeando em algum lugar e que uma hora volta.

É como eu expressei: meu pai desembarcou do trem. Assim sucessivamente teremos os próximos, mas enquanto isso não acontecer o trem continua a andar e precisamos estar no comando.

Meu pai tinha orgulho do que fazia, participou do meu TCC desde o início até seu fim. Tudo que eu sei aprendi com ele: os valores, o respeito, a valorização dos nossos costumes, a língua Kaingang e isso sempre guardarei e repassarei aos meus filhos com muito carinho. Obrigado pai!!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARELLA, Maria Dorothea Post [et al.] (org.). **Kófa ag jykre. Aprendendo com os anciões**: Florianópolis: [s.n.], 2018. 153 p.

FREITAS, Ana Elisa de Castro e ROKÀG, Francisco dos Santos. O kujà e o sistema de medicina tradicional kaingang – “por uma política do respeito”: Relatório do II Encontro dos Kujà, Terra Indígena Kaingang Morro do Osso, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos do LEPAARQ**. V. IV, n°7/8. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2007. p. 201-239.

HAVERROTH, Moacir. Kaingang um estudo etnobotânico as plantas e as categoria kamé e kanhru. **Textos & Debates**, n.3, 1996. p. 37-54.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa [et al.]. **Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Toldo Imbu**: Portaria n° 763, de 20 de julho de 1998. Rio de Janeiro:[s.n.], 1999. 118 p.

### Páginas eletrônicas

CIMI - <https://cimi.org.br/2019/09/terra-indigena-toldo-imbu-do-povo-kaingang-conquista-vitoria-no-stf/>

Portal Kaingang - [http://www.portalkaingang.org/index\\_xapeco.htm](http://www.portalkaingang.org/index_xapeco.htm)

Labhin - <https://labhin.ufsc.br/files/2016/05/TI-Xapec%C3%B3-Decreto-n%C2%BA-07-de-18.06.1902.pdf>.

ASIE - <https://saberesindigenas.ufsc.br/>

Youtube - [https://www.youtube.com/watch?v=MQYa\\_x7mo5M](https://www.youtube.com/watch?v=MQYa_x7mo5M)

<http://www.ebc.com.br/infantil/2015/07/entenda-o-valor-da-terra-para-os-povos-indigenas>

Tua Saúde (<https://www.tuasaude.com/erva-mate/>)

<https://www.abelardoluz.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/13571/codNoticia/509491>

<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>